

Felipe Rodolfo de Carvalho
Cecília de Castro Algayer (orgs.)

esperança cercada

Cadernos Marginais de Filosofia,
Literatura e Direitos Humanos [v. 1]



VVK €€

É da natureza da esperança jamais ser alcançada, e das pessoas, jamais deixar de tentar. Ao contrário do anjo da história virado para trás que, horrorizado, prossegue adiante para se afastar do passado, empurrado pela tempestade do progresso, a humanidade, com alguma coragem, apesar de tudo, parece ter sempre os olhos voltados para cima, para frente – para algum futuro não apenas diferente, mas melhor. Guiada pelos sonhos, pelas promessas, pela força avassaladora da própria esperança em sua manifestação mais pura: motriz e poeira das estrelas ao alcance das mãos.

Esta obra é fruto da esperança humana. De um anseio coletivo por reflexões e mudanças, da crença na potencialidade humana de transformação e criação. Nasceu em razão do I Prêmio Literário de Direitos Humanos Prof. Eduardo C. B. Bittar, parte da programação do I Encontro Nacional de Filosofia, Literatura e Direitos Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso, organizado pelo Grupo de Pesquisa Terceira Margem, sob a coordenação do Prof. Dr. Felipe Rodolfo de Carvalho.

O Encontro, realizado no dia 26 de novembro de 2020, buscou promover maior sensibilização para os direitos humanos a partir de uma exposição do Prof. Dr. Eduardo C. B. Bittar acerca do tema Semiótica, Direito & Arte, inter-relação desenvolvida em seu livro mais recente.

Nesse contexto, o Prêmio buscou incentivar autores, fossem juristas ou não, a submeter textos em poesia ou prosa acerca dos direitos humanos. No total, foram recebidas vinte e seis submissões, de diversas regiões do Brasil, versando sobre o tema sob os ângulos mais diversos: a violência institucionalizada, os problemas sociais, as questões de gênero, dentre diversos outros recortes de imaginação e crítica tornados possíveis apenas pela literatura.



Esperança cercada

Esperança cercada

Cadernos Marginais de Filosofia, Literatura e Direitos Humanos

Volume 1

Organizadores

Felipe Rodolfo de Carvalho
Cecília de Castro Algayer



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Júlia Noffs

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

CARVALHO, Felipe Rodolfo de; ALGAYER, Cecília de Castro (Orgs.)

Esperança cercada: Cadernos Marginais de Filosofia, Literatura e Direitos Humanos - Volume 1 [recurso eletrônico] / Felipe Rodolfo de Carvalho; Cecília de Castro Algayer (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

135 p.

ISBN - 978-65-5917-261-0

DOI - 10.22350/9786559172610

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Literatura; 2. Direitos Humanos; 3. Filosofia; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Para Eduardo C. B. Bittar

Sumário

Apresentação **13**

Os organizadores

I Ensaio filosóficos

1 **19**

Dignidade e esperança: breve ensaio sobre o papel da educação humana

Felipe Rodolfo de Carvalho

2 **25**

A luta pelo reconhecimento sob as amarras de uma invisibilidade reificante

Mariana Arruda Guimarães

II Contos e crônicas

1 **37**

Esperança cercada

Moacir Manoel Idalino de Andrade

2 **40**

Prenúncio de um pesadelo enunciado

Douglas Oliveira Diniz Gonçalves

3 **45**

As pessoas todas

Cecília de Castro Algayer

4 **48**

Crônica do começo do fim

Cecília de Castro Algayer

5 **51**

Eles sempre sabem

Ana Letícia Assis Freitas

6 **55**

O homem que veste farda e o fardo que veste o homem

Deivisson dos Santos Costa

7 **62**

Famigerados

Felipe Rodolfo de Carvalho

8 **67**

A mancha

Hadassa Midiane Rodrigues Vasconcelos

9 **70**

Por uma gramática da sobrevivência

José Ricardo Menacho Tramarin de Oliveira Carvalho

10 **77**

Que *olhar* tem a fome?

Julia Natália Araújo Santos

11 **84**

Lei das ruas

Lourival de Oliveira Costa Neto

12 **86**

O encontro

Vinícius Freitas França

13 **91**

Perdição

Victor Cavalcante Maltarolo

III Poemas

1 **97**

Nas entranhas da fome

Vinícius Freitas França

2 **99**

Francisca

Joanna Fernanda Ramos

3 **101**

Desoeuvrement

André Simões Chacon Bruno

4 **105**

Fuzil

Ademir Junior Santana Vieira

5 **109**

O caminho para a humanidade

Arthur Antunes Fernandes de Almeida

6 **112**

Hoje é Outro dia

Débora de Arruda Oliveira

7 **115**

Prelúdio fundamental

Deivisson dos Santos Costa

8 **117**

Na Constituinte

Guilherme Alcântara

9 **119**

O grito calado

Jamille Clara Alves Adamczyk

10 **121**

Liberdade dentro da violência

Joyce Vasconcelos Santos

11 **123**

Sem jurisdição

Julia Natália Araújo Santos

12 **125**

Somos muito pequenos

Mariana Arruda Guimarães

13 **127**

Ladainha

Marina Taborelli e Silva

14 **128**

Humanizado

Neris Rodrigues do Nascimento Alexandrino Delfino

15 **129**

Todos humanos

Victor Cavalcante Maltarolo

16 **131**

Até quando?

Yasmin Batista Vidotti

17 **133**

DE-mo-CRA-cia

Eduardo C. B. Bittar

Apresentação

Os organizadores

É da natureza da esperança jamais ser alcançada, e das pessoas, jamais deixar de tentar. Ao contrário do anjo da história virado para trás que, horrorizado, prossegue adiante para se afastar do passado, empurrado pela tempestade do progresso, a humanidade, com alguma coragem, apesar de tudo, parece ter sempre os olhos voltados para cima, para frente – para algum futuro não apenas diferente, mas melhor. Guiada pelos sonhos, pelas promessas, pela força avassaladora da própria esperança em sua manifestação mais pura: motriz e poeira das estrelas ao alcance das mãos.

Esta obra é fruto da esperança humana. De um anseio coletivo por reflexões e mudanças, da crença na potencialidade humana de transformação e criação. Nasceu em razão do I Prêmio Literário de Direitos Humanos Prof. Eduardo C. B. Bittar, parte da programação do I Encontro Nacional de Filosofia, Literatura e Direitos Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso, organizado pelo Grupo de Pesquisa Terceira Margem, sob a coordenação do Prof. Dr. Felipe Rodolfo de Carvalho.

O Encontro, realizado no dia 26 de novembro de 2020, buscou promover maior sensibilização para os direitos humanos a partir de uma exposição do Prof. Dr. Eduardo C. B. Bittar acerca do tema *Semiótica, Direito & Arte*, interrelação desenvolvida em seu livro mais recente¹.

¹ BITTAR, Eduardo C. B. *Semiótica, Direito & Arte: Entre Teoria da Justiça e Teoria do Direito*. São Paulo: Almedina, 2020.

Nesse contexto, o Prêmio buscou incentivar autores, fossem juristas ou não, a submeter textos em poesia ou prosa acerca dos direitos humanos. No total, foram recebidas vinte e seis submissões, de diversas regiões do Brasil, versando sobre o tema sob os ângulos mais diversos: a violência institucionalizada, os problemas sociais, as questões de gênero, dentre diversos outros recortes de imaginação e crítica tornados possíveis apenas pela literatura.

Para a premiação, contou com a gentileza do patrocínio da Escola da Magistratura Mato-Grossense (EMAM), da Escola Superior do Ministério Público de Mato Grosso (FESMP-MT) e da Editora Almedina, que, comprometidas com a difusão da literatura e dos direitos humanos, tornaram possível, ao todo, a entrega de trinta livros aos premiados.

O julgamento ficou sob a responsabilidade do coletivo *Lendo Mulheres Cuiabá*, iniciativa feminina de incentivo à literatura. Premiou-se com o primeiro lugar, assim, na categoria poesia, *Nas estranhas da fome*, de autoria de Vinícius Freitas França; o segundo lugar foi concedido a *Francisca*, de Joanna Fernanda Ramos. Na categoria prosa, o conto *Esperança cercada*, de Moacir Manoel Idalino de Andrade, recebeu o primeiro lugar. O segundo, por sua vez, foi dividido entre *as pessoas todas*, crônica de Cecília de Castro Algayer, e *Prenúncio de um pesadelo enunciado*, conto de Douglas de Oliveira Diniz Gonçalves.

Além de reunir contribuições submetidas ao Prêmio, entretanto, a presente – e primeira – edição dos Cadernos Marginais conta, também, com produções literárias inédita de membros do Grupo de Pesquisa Terceira Margem, convidados a pensar e refletir, mais uma vez, sobre os direitos humanos por intermédio da literatura, essa possibilidade incansável de se imaginar e criar.

O Grupo Terceira Margem se propõe, afinal, a enfrentar o desafio, perene e conflituoso, dos direitos humanos que se apresentam enquanto

impossibilidade prática, utopia quase tocável. Para esse fim, a literatura, instrumento do impossível, cumpre seu papel fundamental ao esfacular certezas, esticar horizontes, propor perguntas antes impensáveis – ou, como no conto de Guimarães Rosa, ao desafiar o estabelecido para encontrar uma terceira via, uma terceira margem onde (não) se aportar, travessia à guisa de destino.

Em encerramento, é o Professor Eduardo C. B. Bittar, homenageado pelo Prêmio e pela presente Coletânea, quem assina a poesia ao término da obra: lembrete delicado e necessário da importância de uma democracia sem cercas. Como assinatura de artista no rodapé do quadro, entretanto, seus versos são também uma afirmação da importância do ensino, da sensibilização e da inspiração para uma cultura dos direitos humanos – uma recordação de que a reconstrução do mundo será, sempre, feita por pessoas de carne e osso, comprometidas, apaixonadas e envolvidas com o projeto constante de emancipação da sociedade. Toda esperança reside no aprendizado da dignidade humana. Por meio da filosofia, da literatura, da arte e – por que não? – até pelo direito. Pode-se sempre sonhar. Eis a lição do nosso Mestre.

Cuiabá/MT, 10 de março de 2021.

I

Ensaio filosófico

Dignidade e esperança: breve ensaio sobre o papel da educação humana

*Felipe Rodolfo de Carvalho*¹

Em qualquer canto, a cerca nos separa e nos fere. Estamos todos cercados. É com arame farpado que se delimita o espaço de cada um no mundo. E nem é preciso que muros de tijolos sejam levantados. Como esconder não funciona, o horizonte, até mesmo próximo, pode estar à vista – a fresta aberta para inultrapassá-la reforça a parte imóvel do cerco e torna implacável a vida: *a cada criança que nasce, um destino que se repete.*

Nascer, crescer, morrer... Etapas de um caminho traçado como plano: o futuro à espera do passado define o dogmatismo da ordem estabelecida e erige o sono como condição do presente. Os homens marcham sonâmbulos pela história. Deslocar os passos sem operar deslocamentos: *não é isto, afinal, o que se chama de progresso?* É preciso que cada um saiba exatamente o seu lugar, pois de tal modo tudo que é permanece como supostamente deve ser – segundo a inabalável certeza das coisas. A civilização começa quando o arbitrário se torna natural.

Como explicar a um rebento que os atos são fatos, que tudo é fatidicamente assim? que, nesta seara, para onde se é lançado sem escolha, os incidentes adquirem um aspecto definitivo? que os sulcos estão de partida cavados na terra? e que a fortuna é o que os torna mais ou menos estreitos e profundos? Estas são perguntas com que algumas mães possivelmente

¹ Doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela FD/USP. Professor da FD/UFMT. Líder do Terceira Margem – Grupo de Pesquisa em Filosofia, Literatura e Direitos Humanos. Um jurista marginal.

se confrontam ao terem de responder a um filho o que justifica a desigualdade de berço se a inocência é original. *Como é que se pode definir o que é de cada um sem que, antes, cada um possa definir-se quem é?* Se alguém quiser compreender a filosofia, precisará sentir o peso materno de receber uma pergunta para a qual não se tem a oferecer uma resposta. Não é por resignação, mas a contragosto de quem o transmite, que o hábito, com alguma frequência, se adquire em casa. Desde logo, ocultar os problemas pode ser uma forma de proteger contra o fado, confirmando, paradoxalmente, sua inevitabilidade. O aprendizado da posição, que antecede o aprendizado da profissão, evita a frustração da descoberta de que a liberdade não passa de uma expressão inventada para encobrir um desígnio certo. Olhos treinados para ver o que nos cerca.

Na frente do supermercado, o mendigo pede esmola. Há locais interditados. Controlar o consumo é definir os consumidores. Enquanto alguns exigem iguarias, outros carecem do básico. O alimento não falta; só não é justamente aquinhoado. O cardápio do dia, a extensão da mesa, a quantidade de cadeiras, quem pode e quem não pode se sentar, quem serve e quem é servido, quem suja e quem lava os pratos..., reafirmam a cada instante a parte própria do cerco. Na escala da fome, o que se come determina a importância relativa de cada um. Há gêneros de todo tipo: os de segunda linha, os que sobram e os que estão podres. Pouco a pouco, compreende-se que nem tudo o que se deseja é necessário. Só por uma lucidez terrível é que, então, se revela o mistério: partir o espaço; não repartir o pão – eis o lema de uma sociedade sem trato, da qual até mesmo a ceia foi abolida.

Na sua recusa de contato, a sociedade se relaciona por intermédio do contrato: os bens, que se acumulam, se entregam em contraprestação para que a troca dos produtos não altere os fatores. Os criadores têm de estar encurralados a fim de que as criaturas circulem sem constrangimento. O que se passa por entre as mãos não pode modificar o arranjo firmado. O

agir das mercadorias requer dos homens um objeto inerte e sem alma. Falam, mas seu comércio não é de palavras. Há que tudo pôr a termo para que nada fuja dos limites. *O que é meu não é seu!* Definindo-se o que é próprio, estabelece-se uma exclusão: cabendo algo a mim, algo se retira do outro, desfazendo o que era de todos. O surgimento da *sociedade* dá cabo à *comunidade*. Na ausência de um lugar comum imaginado, o esforço individual consiste em alcançar uma espécie de território prometido. *Como correm feito bobos atrás dos seus postos!* – diria um terceiro alheio ao espetáculo. Os assentos estão reservados... Já que a liberdade se traduz gradualmente numa condenação, há que amansar o sofrimento, aceitando o inescapável como inclinação. O curso selado juridicamente, que transforma uma simples promessa em obrigação, ainda conta com a ideologia do conformismo, que cria sujeitos resignados e elimina do tempo o que mais o distingue: sua capacidade de alteração.

Para matar a esperança, há que eliminar o futuro: transformá-lo em extensão do passado. O tempo como uma espécie de presente que não passa, um relógio perdido na fração de um segundo que não começa nem acaba. Perdura. Como lidar com esta indiferença? Difícil é ser contemporâneo. Só o fim delinea a duração do intervalo. Quem quer que ainda esteja vivo se pergunta: *Quando é que tudo isto termina?* Curto é o espaço de tempo que não se sabe de saída até onde alarga. Estamos cercados, aflitos e sufocados. Claustrofóbica é a sociedade da desesperança – aquela cujo ritmo frenético esconde a sua impaciência para a espera (e tudo o que esta paradoxalmente requer de iniciativa)..., aquela cuja crença remanescente numa possibilidade qualquer de mudança está depositada entre duas apostas: na chegada de um messias ou na irrupção de um evento adventício, assaz eficazes, senão para nos retirar deste mundo, para destronar a autoridade de tudo quanto se erigiu em seu seio como pretensamente inalterável.

No entanto, na medida em que a emergência do porvir fica à mercê de um acontecimento alheio ao empreendimento humano, distante o bastante para que nele se percam as expectativas, os componentes da sociedade se chafurdam no cotidiano. Ter muitas coisas a fazer, uma lista cheia de atividades, uma agenda repleta de compromissos é uma excelente maneira de cercar o presente: obscurecer o passado; tapar o futuro. *Como é falsa a sensação de alívio após o cumprimento de uma tarefa!* Logo, outras aparecem e mesmo os projetos de longo prazo são postos de lado. Ditada pelas urgências dos afazeres imediatos, a marcha ordinária é composta por passos de cadáveres que não ultrapassam os exatos limites dos próprios pés. Andam, mas não avançam. O cotidiano arrasta a habitação para fora da casa, transformando o exótico em familiar. O hábito nada mais é do que uma veste que recobre a estranheza do real e a devolve como cenário doméstico: mundo conhecido, já explorado, à minha disposição. O sujeito habituado teme o futuro e pereniza o vigente como única possibilidade de presente: a isto ele chama de *segurança*, outro nome para a preferência de que as coisas se mantenham como estão e não se transmutem naquilo que ainda podem ser.

Para que tudo permaneça idêntico, arranca-se, pois, do futuro sua imprevisão. O que, por natureza, seria completamente indefinido, um novo absoluto, página em branco a ser preenchida, recebe um destino, cujo traço maior reside em sua dimensão cultural: criação que delimita o cerco dentro do qual cada membro do gênero haverá de circunscrever sua existência humana. Cedo, manda-se a criança à escola na intenção de que se prepare para ser adulto. E assim, por um processo sistemático, se progride das perguntas às mesmas respostas, das mesmas respostas às perguntas sem resposta, das perguntas sem resposta à ausência de perguntas. Objetivo traçado, as disposições do mundo conservam-se intactas e intocadas enquanto a disposição questionadora é mantida bloqueada em seu estado

de dormência. *Como dormem os homens de ação, os sujeitos práticos, que precisam sempre ocupar o tempo com o que fazer para não ter o que pensar!* E de repente, no entanto, eis que algo falha ou não ocorre exatamente como predeterminado.

No âmago da classe, em cujo âmbito se deveria aprender a colecionar respostas e a breçar perguntas, um professor de filosofia (*e não é isto o que se espera de todo professor? que seja também filósofo, independentemente da área em que leciona?*) estabelece uma interrogação, fazendo desabar, por um instante que seja, a solidez da massa pronta das conclusões consagradas. Não é que o cerco inusitadamente caia. Os mourões sacodem e o arame se tensiona. O traçado que separa as propriedades perde a sua feição irrevogável. O eterno refluxo do mesmo é interrompido, e as paredes da sala se distendem para hospedar a utopia que a rigor não cabe em lugar nenhum. Ali [ali?], o tempo encontra uma direção que não procede do passado para o futuro e nem corre como rio, mas verte lentamente como sopro de *um a outro*. O mestre fala; o aluno escuta: da boca aos ouvidos, o futuro chega ao passado, interpelando o presente. Por intermédio da paciência do ensino, a esperança adormecida se desperta. O profeta anuncia a mensagem futurista da qual não participa senão como graça. Ensinar é morrer a conta gotas, num gesto ético de anunciar uma geração da qual só fará parte na condição de sua inspiração profética. Estrela minguante.

Está tudo nas mãos daqueles que precisam estar sentados por horas e horas para entender o peso de levantar. *Como dói acordar depois de um longo período de sono!* Há que desconfiar dos falsos otimistas que procuram poupar os incautos da realidade premente, como se parar de assistir à televisão tivesse o condão de estancar a tristeza e remediar as dores. Basta uma pergunta bem colocada para chacoalhar o chão e restabelecer a brecha. De pergunta em pergunta, faz-se um terremoto grande o

suficiente para rachar as divisas. O primeiro passo para frente reside num salto para cima. Como os flancos estão cercados, há que bater à porta dos céus. Estuda aquele que se *eleva* a ponto de superar qualquer posição social pela consideração da eminente condição humana. Toda esperança reside no aprendizado da dignidade enquanto *questão* e enquanto *tarefa*. O dia de amanhã está na dependência de que o instruído nas perguntas se exercite na busca das respostas. Por meio da educação, um deslocamento se opera: *a cada criança que nasce, uma esperança que se renova.*

A luta pelo reconhecimento sob as amarras de uma invisibilidade reificante

*Mariana Arruda Guimarães*¹

O presente ensaio busca analisar a luta pelo reconhecimento dos animais não-humanos na perspectiva das diretrizes filosóficas escritas por Axel Honneth. Considerando que cada forma de reconhecimento intersubjetivo repousa às margens de uma violação em potencial ou de uma recusa quanto à integração do outro e que tão somente através desta rejeição é que se propulsionam futuras reivindicações de liberdade, como escutar os clamores dos desprovidos da aptidão da fala?

Os rígidos pilares do reconhecimento, cimentados pelos dogmas socioculturais tradicionais da primazia das vontades humanas, podem indicar que mesmo as lutas por validação dispõem de combatentes desproporcionalmente capacitados para a reivindicação de seus direitos, que nem por isso se fazem menos próprios. A injustiça se entranha entre as mais profundas raízes de nossos meios de existir, governar e resistir, evidenciando mazelas muito mais complexas do que se almejaria admitir em um primeiro plano.

I. Consciência de si, domínio do outro

O reconhecimento teorizado por Honneth impõe-se como um meio essencial de autorrealização individual que permitiria, por conseguinte, a

¹ Servidora Pública do Estado de Mato Grosso. Mestranda em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGD/UFMT). Pós-graduada em Direito Animal pela Universidade de Lisboa, Portugal. Membro do grupo de pesquisa "Jus-Clima" - UFMT, coordenado pelo Professor Dr. Patryck de Araújo Ayala. Atuou como investigadora jurídica no Gabinete da Provedoria dos Animais de Lisboa, Portugal (2019).

solidificação de uma justiça social cada vez mais fidedigna. Seus pensamentos partem, inicialmente, da filosofia hegeliana, onde a eticidade conduz as relações interpessoais para além das interferências do poder estatal ou de convicções morais (NETO, 2011, p. 140).

Para o jovem Hegel, a partir de seus escritos em Jena, a existência do indivíduo perduraria sobre um constante processo de evolução e sobre a busca por reconhecimento². O conceito de um espírito absoluto, então, ensejaria as etapas de assimilação, aceitação, negação e luta como inerentes do ser-si-mesmo neste processo reivindicatório de existência.

Nesta perspectiva, em que pese o sentido tradicional do espírito subjetivo encontre respaldo nas vertentes do intelecto e da razão³ ou em variadas premissas ideológicas da filosofia clássica, para Hegel, este, enquanto manifestação da ideia, pode adquirir um significado mais extensivo. Aqui, as essencialidades do espírito constituem as etapas simultâneas do pensar em seu início e fim, sendo esta essência o que se denomina de liberdade do espírito. Não se versa sobre um ser estático, mas sim sobre a personificação da negação sobre quaisquer fatores externos que ameacem o desconstituir.

A partir da noção dos reflexos que o arbítrio sobre a própria liberdade pode ensejar, Hegel dispõe a relação entre o direito e o espírito:

O domínio do direito é o espírito em geral; aí, a sua base própria, o seu ponto de partida está na vontade livre, de tal modo que a liberdade constitui a sua substância e o seu destino e que o sistema do direito é o império da liberdade realizada, o mundo do espírito produzido com uma segunda natureza a partir de si mesmo (HEGEL, 1997, p. 12).

² “Ser-si-mesmo no ser-outro”.

³ A título de exemplo, Gottfried Wilhelm Leibniz conceitua *Geist* como o “conhecimento das verdades necessárias e eternas que nos distingue dos simples animais e nos faz ter acesso à razão e às ciências, elevando-nos ao conhecimento de nós mesmos e de Deus. É isso que se chama em nós alma racional ou espírito”.

Retroagindo à Sócrates, a caracterização do espírito seria então conhecer-se a si próprio e ser objeto de si mesmo, residindo neste ponto as prerrogativas de liberdade do indivíduo humano. Em contramão, aos animais, instrumentalizados para as satisfações de objetivos cíveis e renegados de uma existência de si para si, o imperativo da submissão é o resultante inequívoco.

Pois que o espírito que não se entende livre se conforme com a escravidão, sem que se conteste o dever de servir por não saber que esta condição lhe é imprópria, a discrepância entre a existência humana e a animal justificaria, então, a constante de que apenas o homem tem conhecimento de si mesmo através do pensamento, já que sua realidade e sua idealidade são correlatas.

O dom de condicionar pensamentos e estabelecer-se como o agente de sua própria história permitiria ao homem a primazia de sua racionalidade, contrariamente aos animais, em que os instintos predominam, controláveis tão somente através da dor e do medo.

Em paralelos correlatos à filosofia clássica, fixa-se o escravo como um objeto de propriedade e instrumento de produção dissociado de vontades (ARISTÓTELES, 2009, p. 26) uma vez reduzido à mera força de trabalho, tal como um animal doméstico. Em contraponto, ao homem livre pertenceria o prestígio das atividades políticas, que demandassem atributos do intelecto dos quais careceriam os explorados.

Surge, assim, a crença de que a servidão é fadada aos desprovidos da habilidade de racionalizar, nos quais os impulsos imperam como uma condição própria de existência. Séculos depois, o pensamento subsiste e consolida as diretrizes comportamentais da humanidade.

II. Não penso, logo não existo

Atendo-se à linha de raciocínio estabelecida, tem-se que, para Schopenhauer, mesmo o último e o mais ínfimo integrante da comunidade animal possui consciência do seu eu, do seu mundo e do não-eu; para isso atestar, bastaria que entrássemos na jaula de um tigre para experimentar a distinção que o animal faz entre o “eu” e o “não-eu” (GODILHO, 2006, p. 54).

Assim disserta em “Sobre o fundamento da moral”:

A motivação moral por mim estabelecida confirma-se, além disso, como genuína pelo fato de que ela toma sob a sua proteção também os animais, que são tão irresponsavelmente malcuidados nos outros sistemas morais europeus. A suposta ausência de direito dos animais, a ilusão de que nossas ações em relação a eles sejam sem significação moral, que não há qualquer direito em relação aos animais, é diretamente uma crueldade e uma barbárie revoltantes do Ocidente, cuja fonte está no judaísmo. Na filosofia, ela repousa sobre a total diferença, admitida a despeito de toda evidência, entre o homem e o animal, que foi, como se sabe, expressa o mais decidida e vivamente por Cartesius (Descartes) como uma consequência necessária dos seus erros. Como aliás, a filosofia cartesiano-leibniz-wolfiana construiu a psicologia racional a partir de conceitos abstratos e construiu uma “anima rationalis” imortal, opôs, então, evidentemente, aos reclamos naturais do mundo animal, este privilégio exclusivo e esta patente de imortalidade da espécie humana, e a natureza protestou silenciosamente, como em todas as ocasiões semelhantes (SCHOPENHAUER, 1995, p. 167).

Em suma, considerando que as vítimas dos processos de escravidão que permeiam a história da humanidade são extremamente voláteis, isso é, mudam constantemente em relação ao tempo, espaço e objetivos de seus agentes opressores, não seria a ausência de liberdade um elemento ilegítimo para justificar a coisificação do outro? Considerando, ainda, que essa liberdade não lhes é ausente por características inerentes ou fatores

puramente biológicos, mas sim por pactos sociais das quais não fizeram parte, a agravante não soa inequívoca?

Ainda, a inconstância entre os grupos minoritários fadados à servidão diante do contexto social em que se inseriam (negros, indígenas, mulheres, crianças e mesmo homens em plena capacidade cível, vencidos em uma guerra) não elucidaria justamente o quão arbitrário o utilitarismo do pensamento é capaz de ser?

Fato é que todos estes indivíduos marginalizados não adquiriam uma racionalidade dignificadora no momento em que suas alforrias foram assinadas, pois que sempre a possuíram. Apenas mudaram-se as vontades dos agentes percussores de determinada relação de domínio, onde o elo mais fraco era despersonalizado para que, então, seu sofrimento fosse justificável.

Impiedoso destacar a importância das reivindicações sociais para que os desdobramentos fáticos se tornassem cada vez mais empáticos e inclusivos durante a evolução global, tanto como são agora.

Se antes a pessoa negra não encontrava lugar para pertencimento em sociedades escravagistas, atualmente o entrave por um respeito existencial é liderado majoritariamente por transexuais, homossexuais, pessoas com deficiência ou mulheres, mesmo que a luta por reconhecimento do primeiro grupo ainda esteja longe de findar-se por completo. Os reflexos da violência sucedem em cicatrizes sociais difíceis de se apagar.

Reconhecimento, aqui, não implica nada além de seu sentido etimológico: assentir à vivência alheia e posteriormente consigná-la como digna de proteção.

Apesar dos avanços ideológicos e científicos do século XXI, os moldes da validação social permanecem demasiadamente rígidos em comparação com a pluralidade de existências que necessitam gerir. Axel Honneth explica que esta é a luta permanente na qual diversos grupos procuram

ratificar o valor das capacidades associadas à sua forma de vida (HONNETH, 2003, p. 207).

Nessa acepção, se o direito à voz e ao protesto (já existentes em disposições gerais) por reiteradas vezes são deslegitimados pelo *status quo* compactuado, a ausência de direitos – e reconhecimento – aos que nem ao menos possuem voz pode introduzir a gravidade dos desdobramentos instituídos por uma exploração que não precisa se explicar ou se escusar.

O agir societário se desenvolve como meio de canalização de padrões e vontades que, uma vez institucionalizados, deturpam o condão inaceitável de práticas violentas de domínio sobre o outro. Nada parece elucidar tão cristalina e claramente o condão cíclico da história da espécie humana.

Se a mecanização da violência contra determinados grupos minoritários de nossa própria espécie nunca se finda, é porque a forma com a qual tratamos o diferente não parece superar as barreiras egocêntricas de admitir interesses que não os nossos. Ou vice-versa.

Aqui se encontra o núcleo da análise pretendida: o modo opressivo com o qual lidamos com a existência dos animais não-humanos, deliberadamente imputando-lhes a redoma do não pertencimento. Nesse sentido, “nosso relacionamento com os animais é um reflexo do relacionamento que temos com nós mesmos, e seu abuso é, muitas vezes, um sinal da percussão da violência contra os humanos, em especial contra os mais fracos” (PELLUCHON, 2018, p. 21).

Se os clamores de baixo alcance são dificilmente atendidos, clamores sem voz sequer são escutados. Por conseguinte, o reconhecimento de uma ética extensiva que possibilite direitos aos animais se apresenta como um desdobramento indissociável às demais lutas históricas contra injustiças que, ao seu tempo, também eram legitimadas pelas lentes moralistas do certo e do errado.

Em potenciais paralelos para com a escravidão antiga, os animais permanecem aprisionados em um universo de não-existência e de serventia diante de uma facticidade jurídico-social que se solidificou, gradualmente, em face de uma violência discriminatória:

Toda classificação implica uma violência simbólica marcada pela vontade de inserir o múltiplo e o disperso dentro de uma ordem desenhada para apreendê-los e distribuí-los em categorias sempre mais estreitas do que aquilo que designam (BRAVO, 2011, p. 233).

Essa hostilidade politizada não resultaria em qualquer coisa que não uma banalidade da violência, a ponto de que não mais nos questionemos se o que fazemos, financiamos ou consumimos abastece o processo cíclico do sofrimento alheio. Mesmo quando dúvidas sobre a moralidade de hábitos especistas parecem inevitáveis, são de pronto afastadas pela invisibilidade de vítimas que, uma vez “irracionais”, seriam indignas de uma compaixão – leia-se – humana.

A reiterada tentativa de justificar o injustificável deságua na exploração dos desprovidos da habilidade de racionalizar, regidos tão somente pelo ameaçador condão dos instintos. A objetificação do outro premedita uma nulidade social irremediável: não penso, logo não existo⁴.

As grades de zoológicos, os tanques de parques aquáticos e as cercas de fazendas industriais promovem a concretização de uma vulnerabilidade que é, antes de tudo, meramente ideológica.

III. Reconhecer-se no outro

Limitar a existência de um ente senciente ao simples meio de obtenção de finalidades humanas garante que, uma vez objetificado, a ele se

⁴ Referência à máxima “Penso, logo sou”. DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Porto Alegre: L&PM, 2013. p. 64.

impute uma validade de uso e o destino inevitável da descartabilidade substitutiva:

O ponto fundamental é reconhecer a alteridade dos animais, cuja reificação (transformação do animal em coisa), instrumentalização (utilização do animal como meio) ou antropomorfização (transfiguração da alteridade e especificidade animal) devem ser postas à luz de um devido crivo crítico (NACONECY, 2006).

A partir de todo o exposto, o que se pretende dizer é que, somente quando a reificação dos animais for compreendida como uma ofensa à toda comunidade sistêmica, todas as esferas empáticas estarão alinhadas a não permitir a minimização de seres humanos ao *status* de não pertencentes. Pois, embora os grupos minoritários sejam visivelmente compreendidos como parte da comunidade humana, a “desumanização” de seus entes a partir de políticas públicas não inclusivas, opressivas e discriminatórias buscam retirar do indivíduo que o integram tudo aquilo que o torna o que ele é, sua liberdade, suas vontades e autonomias, restando ali apenas um objeto apático passível de mecanização, em que apenas os instintos imperariam.

Essa marginalização, que pode ser também encarada como uma animalização do indivíduo, não só reforça os estereótipos direcionados àquelas pessoas, mas de igual modo permite a perpetuação de violência e hostilidade em sua direção, pois, se aquele ser não é capaz de produzir sentimentos “complexos” e ali só os impulsos se fazem valer, então só pode ser controlado por meio da violência e da força. A política pública do ódio nos parece uma prática estranhamente repetitiva.

Dadas as similitudes entre humanos e animais em seus interesses, capacidades e subjetividades, simplesmente não há como justificar a violência e a injustiça contra os animais sem que simultaneamente se

justifiquem as mesmas práticas em relação a alguns indivíduos (ou que, ao menos, se elevem drasticamente as chances de isso acontecer).

A noção de valor da sociedade contemporânea necessita abarcar todas as formas de existir como inequívocas, patentes e dignas em suas próprias inerências, para que os erros de passado lastimoso não incorram sobre uma realidade que almeje ser verdadeiramente justa.

Tem-se a incapacidade em aprender ou mesmo lidar com os próprios erros como um fator determinante na perpetuação de práticas de redução do outro, mesmo que se alterem os tempos, os cenários, as vítimas e os meios de agressão.

Importante salientar que, em que pese os termos “agressão”, “violência” e “ódio” façam alusão aos seus sentidos literais de uma crueldade física, não se nega que a negligência e a conivência constituem também as formas mais perversas de desmazelo aos considerados indignos – talvez as piores. O silêncio detém para si a peculiar capacidade de transformar o ínfimo em colossal, o ocasional em rotineiro e o finito em interminável.

Sejamos, então, de fato racionais, de modo a mergulhar nas complexidades humanas e da natureza que nos cerca, tomando-as como dignas em sua própria existência. Reconhecer-se no outro é entender que o direito alheio hoje desrespeitado ou não admitido amanhã provavelmente será o meu.

As capacidades cognitivas do sentir e do sofrer são características suficientemente potentes para ensejar mudanças nos ditames morais que delimitam os padrões de pertencimento coletivo. Ouvir além do que se escuta de quem diz muito mais do que se fala: a luta continua, pois que nunca se findou.

Referências

- ARISTÓTELES. *A Política*. Tradução: Nestor Silveira Chaves. 2ª Edição São Paulo: Edipro, 2009.
- BRAVO, Álvaro Fernández. *Desenjaular o Animal Humano*. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/ Escrever o Animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- HEGEL, G. W. F. *O Sistema da Vida Ética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2018.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- HONNETH, Axel. *Sufrimento de indeterminação: Uma reatualização da filosofia do direito de Hegel*. Tradução de Rúrion Melo. São Paulo: Singular/Esfera Pública, 2007.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Monadology [1714]*. London: Lowe and Brydone, 1898.
- NACONECY, Carlos Michelin. *Ética & Animais: Um guia de argumentação filosófica*. Edipucrs: Porto Alegre, 2006.
- NETO, José Aldo Camurça de Araújo. *A categoria do reconhecimento na teoria de Axel Honneth*. Argumentos- Revista de Filosofia, Ceará, Ano 3, n. 5, 2011.
- PELLUCHON, Corine. *Manifesto animalista: Politizar la causa animal*. 1 ed. Reservoir Books, 2018.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o Fundamento da Moral*. Trad. Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

II

Contos e crônicas

1

Esperança cercada

Moacir Manoel Idalino de Andrade¹

“Não te interessa. São deles, são do cerco”. Mamãe me dá sempre a mesma resposta.

É engraçado como os adultos tentam ocultar todos os problemas do mundo, como se fôssemos capazes de aceitar qualquer resposta idiota. Independentemente do quão criança a gente seja, também sentimos o que todos sentem e vemos o que todos veem. Esconder nunca funcionou, pois isso apenas adia problemas inevitáveis. Quando nos jogaram aqui, eu vim. Quando faltou comida, também passei fome.

Eu era apenas uma criança, e não foi um “não se preocupe, vai ficar tudo bem” que me ensinou que a vida não nos presenteia com nada, só nos cobra.

Dizem que quando nasci, meu pai foi chamado pro lado de lá, do cerco, e mamãe ficou comigo. Falaram que esse tal de amor nos protege. Será? A resposta deve estar no cerco. Isso é plausível, afinal, não foi Shakespeare mesmo que esvaziou o inferno para que os demônios nos atormentem deste lado? Mais ou menos isso.

¹ Moacir de Andrade nasceu em Jesuítas, no Paraná, no dia 10 de setembro de 2001 e vive com sua família, desde 2015, no Mato Grosso. Seus primeiros escritos datam da sua infância e adolescência, e, entre os seus ídolos, encontram-se Clarice Lispector, Fernando Pessoa e Victor Hugo. Em 2020, tornou-se discente da Faculdade de Direito da UFMT, ingressando, também, no grupo de pesquisa Terceira Margem, que discute Filosofia, Literatura e Direitos Humanos.

Não costumo ir muito xeretar o que há do lado de lá. Quiçá minha última visita tenha me assustado, mas não posso me culpar pelo que não é meu, pelo que não fiz.

Nesse dia, lembro que tia Ana cochichou com minha mãe pela manhã. As duas estavam assustadas. Sei que estavam nervosas, pois me puxaram pelos braços sem dar bom dia, sem me olhar.

Nessa época, minhas feridas não eram demasiadamente grandes, então não reagi. E teria como? Mas algo escorreu de meus olhos. Jurava que caíam minhas dores, mas me explicaram depois que aquilo eram lágrimas, como se houvesse diferença nesses dois termos. Chorei pela primeira vez.

Sei que a maioria das crianças chora desde o nascimento. Infelizmente, não tive essa sorte. Se naquela manhã eu houvesse insistido mais em ver o que sempre houve, o que permanecia, talvez meu ferimento não tivesse aumentado.

“Por que temos isso, Ana?”, perguntei certa vez para nossa vizinha, apontando para nossas feridas.

“É a nossa parte do cerco.”

Essa conversa era bobagem para mim.

Naquela época, eu tinha meus oito anos, ou nove, e era arrastado por minha mãe até um lugar que me deixou muito intrigado. Ana estava lá e viu o que vi.

Havíamos chegado a um cercado de arame.

Minha primeira impressão foi expandir minhas pálpebras o suficiente para paralisar minha visão perante o gramado mais verde que já vi. Eu olhava o horizonte, os pássaros, a felicidade, a liberdade, a saúde, a vida, palavras ensinadas posteriormente por mamãe. Mas não havia apenas isso daquele lado.

Havia um homem, que brincava com um menino e uma menina. Ele sorria, corria, lembro até que aquelas crianças tentavam acompanhá-lo. E ninguém nos via.

Achei aquilo tão embaraçoso. “Que é isso mamãe?”

“Nada, meu filho. É do cerco.”

Percebi que minha mãe chorava e não tirava os olhos do homem. Foi aí que ela ganhou a sua principal ferida. Percebi que seu peito sangrava e ensanguentava todo o seu corpo. Não duvide de mim. Ana estava lá, ela viu.

Perguntei várias vezes para minha mãe e para minha tia o que era aquilo. As mulheres já estavam cansadas e nem me respondiam mais. Elas estavam ajoelhadas no chão. Minha mãe chorava e Ana a olhava, com pena, sentimento que sempre nos acompanha deste lado do cerco.

O homem e as crianças brincavam, corriam e não se importavam. Não nos viam. Fiquei cansado de tudo aquilo, aproximei-me do cerco.

Nesse instante, meu rosto recebeu uma rajada quente de ar, e, sobressaltado, joguei-me para trás. Havia uma sensação nova diante de tudo aquilo, uma paz, um brilho. Talvez, se toda aquela situação se repetisse, eu ficasse lá, imóvel. Mas olhei para minha mãe, ela olhou para mim, e meus dias seguiram normalmente, com mais algumas feridas.

Prenúncio de um pesadelo enunciado

*Douglas Oliveira Diniz Gonçalves*¹

Ouviram entre as copas das árvores um estrondo forte e retumbante. Era um som retorcido e estridente que se estranhava naqueles entornos de densidade úmida e escura. O ruído contínuo rasgava o ar com uma secura desconhecida. Nada dele se parecia completamente com qualquer outro som que os ouvidos dali já sabiam. Apenas algumas de suas partes conseguiam decifrar. Ecoava longo como o urro gutural do bugio, ardia estridente como o estalido de fogo no mato seco, rangia frenético como o guizo da cascavel. Por mais corriqueira que fosse, tomava desprevenido o rufar dos corações. A mensagem uníssona que carregava em ruídos ásperos se fazia entender a qualquer um, mesmo aos que não pudessem ouvi-la.

O dossel escuro da floresta, antes cravejado de estrelas, ardia num clarão enrubescido e opaco. Sua limpidez, tomada por um fumo espesso, embrutecia o cenho do céu que passava a encobrir a terra em fel. Algo de muito ruim e profundo havia sido acordado e o mundo firme e robusto começava a se esfacelar diante dos olhos.

Um mal palpável se alastrava a passos largos. Um clarão roubado do sol se entremeava entre os troncos na noite. A luz despertava nas onças temor e elas se escondiam assombradas com sua passagem. Um distúrbio nas águas fazia imergir em espanto os grandes jacarés. E o som rasgado

¹ Mestre em Direitos Humanos pela Universidade Tiradentes, Aracaju – SE. Pesquisador com foco na temática de direito territorial dos povos indígenas. Escritor, revisor e tradutor de textos acadêmicos.

regrado em compasso aumentava conforme sua procissão. Não havia nada de natural naquele avanço itinerante e desconhecido. Era mirada pela floresta alagada com um soslaio ressecado de pura estranheza.

Foi com o suor excessivo que escorria de sua testa que o homem acordou. Ainda estava escuro e ninguém mais além dele havia despertado. A brisa fria e serena que soprava da mata entrou na maloca como um choque de dispersante calma. Ele envervou o corpo para fora e os sons em seus ouvidos eram dos ventos e dos insetos e sapos e cotias. E nada de anormal havia na natureza profunda em verde-escuro.

Com os tons de claridade se abrindo lentamente aos seus olhos, uma mão rugosa o encostou no ombro. O ancião ficou ao seu lado, acompanhando o sol emergir do verde sem-fim da mata.

“Tive o sono perturbado, mas ao menos posso ver o nascer do dia.” Disse o homem enquanto mirava os raios que erigiam a alvorada.

“Os incômodos nos clareiam os sentidos...” Refletia o velho com um tom calmo porém firme. “...e assim não podem ser tão ruins quanto parecem.” Ele conseguiu retirar um sorriso do homem que o ouvia. “Conte-me sobre seu sonho, meu filho..., pois os sonhos nos dizem mais do que podemos ouvir e nos revelam mais do que os olhos podem enxergar.”

Enquanto o homem tentava com dificuldade pôr em palavras o que havia presenciado, o velho parecia ouvir uma história que já sabia. Seu cenho enrugado não se espantava com os sons descritos ou com as figuras grotescas que invadiam a floresta em clarões nublados. Tudo aquilo se conformava em sua mente como um prenúncio do que estava por vir.

“Há quem venha sonhando com gente turva como fantasmas, vindos de longe, expulsos da terra que os gerou. Eles vêm eloquentes com palavras estranhas, ditas e escritas. Mas o que dizem não escrevem. E o que escrevem não praticam. Vêm com promessas de mercadorias, esse povo. Vêm com mostras de paz. E com armas no punho.”

As palavras do velho acendiam em sua memória o esquecimento dos homens que havia visto em sua perturbação-pesadelo. Eles vinham com passos fundos que abriam a terra e derrubavam árvores. Coletavam em sua passada de destruição o espólio de tudo o que destruíam. E com aquilo forjavam as coisas que acumulavam.

“Eles rompem o céu e minam as fundações da própria terra. Criam tudo o que pensam precisar, mas destroem tudo o que realmente precisam.” Os olhos do homem enxergavam clareza nas palavras sábias do xamã. “São centrados em si próprios, e assim não enxergam o entorno além de suas cercas. Abraçam os que lhes são semelhantes e aterrorizam os que deles diferem. Mais que uma ameaça aos outros ameaçam a si mesmos com sua jornada errante, impensada e sem propósito.”

“E o que nós faremos quando eles vierem?”

“Seremos apenas nós! Pois as nossas forças são as fraquezas deles. E o que nós enxergamos com clareza para eles está encoberto.” Dizia o velho xamã, a partir das vozes e conhecimentos daqueles que habitavam em sua mente, seus antepassados que o faziam tão sábio e presente no mundo. “Mas uma resposta certa a essa pergunta apenas a natureza pode responder.”

O ancião preparava uma mistura de folhas e resinas que os levaria ao conhecimento que buscavam encontrar. O preparado imerso em infusão coloria a água com tons de amarelo e laranja. E em pouco tempo os dois, novo e ancião, haviam tragado o seu perfume intenso e bebido do caldo amargo.

Ouviam novas vozes vindas da floresta. O guincho das araras e o co-axar dos sapos tomavam forma de palavras ditas em frenesi. Até que uma figura se revelou clara e portando a voz que lhes dizia:

“Eles virão empunhando armas forjadas, do metal que roubam da terra. Enquanto que as suas são as que vocês já têm e conhecem.” Entoava

o espírito com seu tom sibilante. Parecia o vento calmo que vem depois de uma tormenta. Era como um bafo quente que aquecia os dois. “Eles não irão ouvi-los em suas palavras, mas vocês falarão as palavras deles em suas bocas. Eles não irão agir conforme os papéis que dizem criar, mas vocês agirão em afirmação do que eles lhes negarem.” Soprava em calma certeza. “A força da floresta resistirá. A sua casa será o seu reduto de força, a sustentação de seu povo. A sua força é o coletivo e o plural enquanto eles ruem no individual e no singular.”

As palavras ditas pelo espírito ressonaram na mente do homem daquele dia em diante. E a resposta de luta cresceu em seu íntimo e se espalhou através das palavras que pregava aos ouvidos que estivessem dispostos a ouvi-las, às mentes dispostas a compreendê-las e aos corpos dispostos a concretizá-las. E também aos que não alcançassem nenhuma percepção por mais rasa que fosse. Pois a mudança seria atônita e viria a todos.

Quando os sinais que havia sonhado passaram de ecos em sua memória a fatos que se desenrolavam a seus olhos, o homem pôde então encarar a mudança como necessária. Via um barco muito rápido que rasgava seu caminho pelo rio levantando marolas num rastro crescente. E quando alcançaram as margens arenosas do rio, desceram homens com corpos sem contornos. Brancos, pálidos, envoltos em mantos brancos e de outras cores. Eram mesmo fantasmas. E de suas bocas saíam palavras indecifráveis, mas de seus gestos podia enxergar as previstas mostras de paz.

•••

Ele permaneceu entre eles, aprendendo seus modos e suas palavras. E mesmo já sabendo de seus excêntricos objetos, sempre se espantava com sua engenhosidade, mas ponderava sua utilidade e serventia. Aprendia

com um estranho entusiasmo a língua que usavam, pois sabia se servir e se cercar do que lhe seria necessário. E assim foi se entremeando de vozes que não eram as suas. Para que um dia pudesse entoar a todos aqueles fantasmas suas palavras mais verdadeiras.

Os fantasmas tentaram arrancá-lo de seu corpo, borrar suas pinturas e torná-lo pálido e transparente como eles. Buscavam incorporá-lo matando o que nele havia de mais próprio. E com roupas que nunca lhe cabiam por mais ajustadas que fossem em seu corpo e com palavras que falava imitando o sussurro sem matéria dos fantasmas, o homem se disfarçava dentro daquele coletivo de indivíduos. Mas sabia que por mais sozinho que estivesse na multidão, dentro de si, estaria acompanhado pelos muitos que carregava consigo. Sua memória não falharia. E a sua palavra nativa não trairia. Se debandou para os centros de poder, para as cidades de pedra, aldeias fantasmas daquele povo.

Foi naquela mais central, onde seus líderes habitavam e se aglomeravam, que pôde ouvir e escutar pela primeira vez a maior canção daquele povo e entender o que ela queria dizer. E percebeu que aquela canção pomposa e retumbante de tanto cantada fez de seu último verso o prenúncio de um pesadelo anunciado: a terra amada em brasa.

3

As pessoas todas

*Cecília de Castro Algayer*¹

Viveiros de Castro me ensinou o que ele aprendeu com os povos indígenas latino-americanos: os animais são gente, ou se veem como pessoas. O que subjaz aos homens e aos animais não é animalidade, mas a humanidade — dissociada da espécie humana, é claro, algo muito maior do que isso; a humanidade enquanto condição. Condição de quê, exatamente, o texto não era muito claro, mal de antropólogo ou falha da leitora.

Erro de tradução, talvez? Imagine a tradução da cosmologia de tantas culturas para as lentes analíticas, científicas e tão cheias de palavras — mãos grossas de palavras, não foi Clarice quem disse? — dessa cultura tão universalizante e racional que é a nossa, do alto da sua posição de sujeito.

Imagine a dissecação histórica do coletivo, a interpretação tão racional da unidade do espírito e da pluralidade dos corpos — também aprendi isso com Viveiros —, imagine o espanto cheio de curiosidade diante das implicações de uma lógica tão pueril.

A surpresa de descobrir — sempre o descobrimento, sempre o levantar triunfante do pano — a permanência de uma concepção como essa, em que o homem não é superior a qualquer ser vivo, mesmo sendo dotado de uma inteligência tão própria; mesmo sabendo falar; mesmo construindo ferramentas e criando milhares de teorias para interpretar o universo e organizar as constelações no céu.

¹ Mestranda em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Advogada e pesquisadora, quer ainda mudar o mundo.

O homem em toda a sua glória e um jabuti, lado a lado, ambos se vendo como gente, a ambos o mesmo valor.

O que é, afinal das contas, ser uma pessoa?

Antes que os filósofos se enfileirem, prontos para elaborar sobre o tema e também criticar arduamente as elaborações uns dos outros, é preciso reconhecer que ser uma pessoa é inequivocamente uma posição de vantagem. Cada pessoa existente no mundo possui esse conceito metafísico maravilhoso de dignidade, que lhe concede uma série de direitos.

Longe de mim querer falar de direito em um texto leve como este, muito menos de seus processos gloriosos — das lutas emancipadoras e emocionantes que fizeram história.

Falemos das margens. Prometi que não falaria de direito, e não vou: aqui, tudo escapa ao direito. Falemos dos povos indígenas que tiveram de ter a existência da própria alma declarada por um Papa, e mesmo assim a receberam como alma *nullis*, numa aproximação com terra *nullis*, e ambas logo lhe seriam tomadas mesmo. Falemos das mulheres negras, duplamente subjugadas, e falemos daqueles que não são os grandes heróis da epopeia humana: os deficientes mentais, os refugiados, os proletários, as crianças, os negros e os idosos.

A história tem seus favoritos. Em sua magnificência, a lei pune ricos e pobres por dormir sob as pontes e por roubar o pão. Ambas são surdas aos negros escravizados que libertaram o Haiti do jugo francês e, décadas depois, foram empurrados, famintos e necessitados, aos países vizinhos por um terremoto violento. Ambas nada têm a dizer sobre os povos indígenas no Brasil que movimentaram a opinião pública e transformaram o Congresso numa aldeia indígena para se inserir na Constituição cidadã, e que hoje lutam sozinhos por suas terras e suas vidas. A eles, apenas as margens — as casualidades, as consequências, o outro lado do espelho.

No fundo, a pergunta não é sobre o que é ser uma pessoa, mas sim sobre quem decide quem não é. A perplexidade maior não é que os animais possam se ver como gente; é que se tenha coragem, do topo da pirâmide global, neste cume chamado Ocidente, de se falar em humanidade como se ela não fosse plúrima; como se ela não abarcasse uma humanidade privilegiada e um coletivo de sub-humanidades por trás.

Então, talvez, os povos indígenas latino-americanos estejam corretos e nosso pensamento seja simplesmente lamacento demais. Talvez a humanidade seja de fato uma condição comum que nos escape por completo, fugidia de todo esse armamento. Talvez nossa deturpação de humanidade seja tão profunda, tão oblíqua e tão particular, que seu próprio significado se esvaia. Distante demais da igualdade simples entre os homens e os outros animais, habitantes tranquilos de um mundo feito para ser a casa comum de todos.

No fundo, quisera eu ser igual ao jabuti.

4

Crônica do começo do fim

*Cecília de Castro Algayer*¹

Primeiro o enclausuramento, e então a seca, e tudo estava mesmo em chamas. A astrologia havia me prometido um ano solar de conquistas, e eu havia prometido a mim mesma o mundo, sem contar que ele fosse bem capaz de rodar sem mim. Uma notícia ruim ao dia teria significado a possibilidade de muitas notícias boas em contraponto, mas todos os adjetivos já estavam emaranhados, perdidos na impossibilidade da comunicação interrompida, nas janelas iluminadas dos prédios, nas portas fechadas, no pouco que conseguia escapar pelas frestas.

O mundo estava acabando e era como se mesmo seu fim fosse correto. Acabando como quem vai ao mercado comprar mais leite; acabando como se, no fundo, talvez desse tempo das primeiras mangas madurarem nos muitos pés ao redor do meu bairro. Chegaríamos até dezembro? O medo instalado nos ossos. Deus estável, Guimarães Rosa? Nos escorrendo das mãos o tempo inteiro.

Que epifania tocar as grades das janelas, a metáfora pronta, e perceber a impossibilidade de ter fim algo que sequer teve começo, a história nem linear e nem cíclica, esparramada e elástica como a massa das esfirras que eu aprendi a fazer, com as luzes dos prédios afastados do lado de fora; afastada, esticada, puxada. Sem se romper.

¹ Mestranda em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Advogada e pesquisadora, quer ainda mudar o mundo.

A fumaça que cobriu a cidade durante a seca no ano passado avermelhou meus olhos e os tornou irritadiços, propensos às lágrimas, como se motivos apropriados já não faltassem. Os dias suspensos, poeira entre os livros, e as paredes dos quartos mornas ao toque. Dedos espalhados, abertos, tentando se fazer caber em um azulejo inteiro do banheiro. As pequenas gotas de água, nenhum vestígio de céu.

Que coisa mais terrível amar o que a morte pode tocar, e no entanto flores brotando dos cactos de que eu não sabia muito bem como cuidar. Dias muito longos e noites curtíssimas. A sombra que fazíamos ao andar na calçada, o cheiro da padaria sentido da esquina. Mãos higienizadas na entrada, o sorriso mais expressivo forçando os olhos a se encolherem para passar bem a mensagem. Pão francês quente, o miolo arrancado pela ponta, o dedo em gancho, como fiz desde a infância. A igreja vazia na praça, como se insegura.

Contra as grades da janela, eu observava o mundo e apreciava que a metáfora fosse tão tátil; sempre gostei do que me ancorasse na Terra. Fazia perguntas ao nada e tinha o bom-senso de não esperar resposta, dividida entre o desespero e a filosofia. Segurava a mão das mulheres escritoras atrás de mim e, por elas, tocava também minha linhagem inteira. Os vestidos que minha avó vestia, com os dois bolsos grandes, e mamãe me dizendo que bisavó Maria carregava doces e remédios nos dela. Eu usaria também? Citações na cabeça e questões importantes nas mãos.

A solidão me tornava mais mansa até com os estudos, me fazia perdoar a rigidez do direito. Eles não sabem o que fazem, mas como em Saramago; a culpa dirigida aos céus. A letra fria da lei, expressão odiosa, aquecida pelas minhas mãos. Que coisa mais linda, a reivindicação da liberdade para melhor se habitar o milagre delirante da vida na Terra — era capaz de ver poesia até nos artigos.

Que grupo tenaz e frágil eu nos descobri, mas vou manter segredo. As fundações vulneráveis de nossas cidades, o escudo fraco de nossas burocracias, o amor confuso permanente na formação das famílias, em cada árvore plantada. Os bebedouros, feitos por máquinas insensíveis, na forma de flores coloridas, enchidos com água e açúcar para chamar o beija-flor só pelo prazer de vê-lo.

Quando eu tiver minha casa com quintal, também vou querer um.

Mas nada disso foi o fim. Eu havia entendido tudo errado, como sou propensa a fazer quando fico em silêncio demais. Meses depois, choveu pela primeira vez e o céu se tornou rasgado em tons de roxo e laranja, apenas poucas nuvens amortecendo o fogo das cores. Pelas grades da minha janela, eu estendi uma das mãos e toquei — pela primeira vez desde que eu havia sido inventada — a chuva tão fina, tão fria, tímida como se pedisse desculpas por não se lembrar de como cair direito. Um vento fresco, a mão em concha lentamente cheia de água.

Tive paciência.

Eles sempre sabem

*Ana Letícia Assis Freitas*¹

— Preciso cortar o cabelo, tomar banho, me arrumar, ter a certeza de que vou estar cheirosa e apresentável. Não posso simplesmente ir direto do trabalho — dizia ela me contando sobre os planos de conhecer os pais do seu namorado.

Acho que eu até notei um tom mais receoso que o normal em sua fala, mas como eu poderia imaginar? Na verdade, hoje penso como eu posso não ter imaginado. Mas veja, a vida jamais poderia ser a mesma para duas pessoas com diferenças tão cruciais. Nem sempre a empatia é capaz de preencher as lacunas que o mundo deixa, tem coisas que só a realidade pode trazer, só sentindo na pele. E algumas pessoas foram fadadas a sentir mais que as outras.

Ah, você me desculpe, leitor, mas eu já trago vivências e decepções demais para acreditar em um mundo fantasioso de plena harmonia entre todos. Tenho, inclusive, concordado com Tim Maia quando ele diz que “na vida a gente tem que entender que um nasce pra sofrer enquanto o outro ri”, da mesma forma que coloco agora interrogação nas frases do Criolo: “as pessoas não são más”?, “elas só estão perdidas”?, “ainda há tempo”?

Mas já divaguei demais, voltemos à minha história.

Lá estava ela, contando que discutiu com o namorado porque ele queria que ela fosse jantar em sua casa logo depois do trabalho, para

¹ Ana Letícia Assis Freitas, advogada, graduada em direito pela UFMT e pós-graduanda em direito penal e processual penal pela UFMT. Vive um amor platônico por todas as formas de arte desde que nasceu, em 1996, em Cuiabá/MT.

apresentá-la aos pais. Mas ela, vivida e preparada, sabia que isso era impossível. Não sem antes dar um belo trato no visual.

Os dias foram passando e, por algum motivo que não sei explicar, aquele assunto foi esquecido e nós voltamos à vida normal. Entre as saídas, os encontros e as trocas, passei a me envolver cada vez mais com a história daquele casal, na esperança desesperada de que Eduardo e Mônica pudessem sim ser reais. Aliás, “quem um dia irá dizer que não existe razão nas coisas feitas pelo coração?”.

As conversas que eu tinha com ele me revelavam alguns problemas de relacionamento e de diferenças de realidades, mas nada que se mostrasse muito decisivo. Afinal, a história narrada por Renato Russo também não tinha sido fácil. Nunca é!

Com ela, confesso que as conversas tinham uma carga emocional muito mais intensa – e talvez eu esteja aqui entregando uma possível parcialidade em minha narrativa – mas eu buscava entender cada ponto do que ela me dizia, porque eu sabia que para ela sempre seria muito mais difícil, ainda que eu nunca fosse chegar perto de viver o que ela vive.

Eu havia mesmo criado esperanças. É como se por um instante o timbre melancólico do Tim Maia, apesar de ainda estar ali, tivesse se unido a uma das leves e alegres melodias presentes no samba rock do Seu Jorge, daquelas que te fazem esquecer de todas as preocupações. Veja, até os desesperançosos têm seus momentos de distração.

Mas a realidade veio em forma de mensagem. Ele me contou que, antes que pudesse fazer qualquer apresentação (que, obviamente, já seria tardia), sua família havia descoberto o seu relacionamento e que desaprovavam veementemente, sem qualquer margem para negociações.

O que é que havia de tão terrível? Ele já tinha namorado outras vezes, será que os pais ficaram bravos por causa da mentira ou da omissão? Ele logo respondeu meus pensamentos:

– Amiga, eles disseram que eu estava envergonhando a família inteira por namorar uma preta, que eu teria que terminar imediatamente, antes que alguém descobrisse.

Eu fiquei sem reação, jamais imaginei que aquilo pudesse estar acontecendo tão perto de mim e com gente tão querida e instruída. Eu senti ódio, repulsa, chorei por ela e por todos. Finalmente entendi a necessidade de se arrumar tanto e o receio em sua fala. Mas nenhum banho a deixaria mais clara, nada pode mudar o fato de que ela não é branca. É, Tim, uns nascem pra sofrer.

Mas o meu amigo era revolucionário, desconstruído, ele com certeza enfrentaria os pais e diria em alto e bom som a palavra que definia tudo aquilo: RACISMO! Pensei que talvez toda aquela situação fosse uma oportunidade para os seus pais abrirem as mentes... Não foi.

Após muitas conversas, desabafos e tentativas de compreensão, meu amigo me disse que, por mais que doesse muito, não valeria a pena brigar por aquilo, porque ele não era tão apaixonado assim por ela.

E, naquele momento, eu senti raiva também de mim, não só por menosprezar a diferença da cor da pele ou por pensar que os discursos seriam colocados em prática, mas por não ter conseguido dizer para ele o quanto ele também estava sendo racista. No fim, como eu poderia cobrar do meu amigo que ele colocasse em prática todo o seu discurso antidiscriminação com seus pais se eu também não fui capaz de fazer o mesmo com ele?

Eles terminaram. Nós todos terminamos. Eu só consegui falar com o meu (agora nem tanto) amigo sobre o assunto muitos anos depois. Com ela, eu nunca tive coragem.

É isso o que a gente faz... abafa, finge que não viu, esconde, para viver numa falsa harmonia enquanto pregamos nossos discursos hipócritas do alto do nosso privilégio, sem ao menos pretender visitar os degraus inferiores.

Há pouco tempo, conversando com uma outra amiga negra, também conhecida daquele antigo casal, perguntei se a agora ex-namorada sabia o motivo do término. Ela então me olhou com um olhar gentil mas muito seguro e, escancarando a minha ingenuidade e a enorme diferença que sempre vai existir entre nós, me disse:

— A gente sempre sabe, amiga!

É, eles sempre sabem. Nós nunca saberemos. Porque, parafraseando Emicida em “Ismália”, nós temos tudo, menos cor, onde a cor importa demais.

O homem que veste farda e o fardo que veste o homem

*Deivisson dos Santos Costa*¹

A tela do computador do sargento Nascimento, de uma luz trêmula em cor amarelada, era a única luminosidade do seu quarto; ele corria os olhos por uma matéria jornalística onde se relatava, com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que no ano de 2018 a morte de policiais por suicídio superou as mortes por confrontos nas ruas. E mais, pôde observar que os casos de suicídio entre os policiais aumentam a cada ano. Tão trêmulo quanto a luz que irradiava do seu monitor, passou a Taurus calibre .40 da mão esquerda para a direita e, com a esquerda, moveu lentamente o mouse trocando a guia do seu navegador de internet.

Agora lia a correspondência eletrônica, encaminhada no dia anterior por um parlamentar da “Comissão Especial sobre Segurança Pública e Direitos Humanos”. Tratava-se de um convite para prestar depoimento pessoal e, possivelmente, receber amparo da Comissão para superar os problemas pessoais e profissionais. A Comissão tinha por pauta do momento “Os Direitos Humanos dos Profissionais de Segurança Pública”; segundo o parlamentar, o depoimento do sargento Nascimento seria bem-vindo como estudo de caso acerca da necessidade de obrigar o Estado a oferecer tratamento e atendimento do policial em situação de risco e vulnerabilidades.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade de Cuiabá (aprovado no XXIX exame de ordem), pós-graduando em Direito Público Aplicado pela EBRADI e assistente auxiliar de gabinete do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso.

Suspirou profundamente, franziu o cenho; pensou que de fato tinha muito para falar. Poderia dizer muito sobre tudo; desde relatar sobre o descaso estatal com relação ao amparo social e profissional, dos péssimos equipamentos, treinamentos, até externar sua revolta sobre as reportagens que tomavam os policiais por vilões; ainda, podia expor sobre a percepção que tinha acerca de como os agentes de segurança pública eram mal vistos pelos concidadãos. Não compreendia tantas críticas, uma vez que o descaso, na verdade, vinha da política e da violência das ruas. Tinha para si que os profissionais da segurança apenas faziam o trabalho pesado em vários setores sociais. Muitas vezes, trabalhos que não eram deles, especialmente onde outras entidades, órgãos, políticas públicas e outros profissionais se faziam ausentes. Os policiais muitas vezes entravam em confronto com o cidadão comum em razão de ter que atender família em litígio; confrontar manifestantes; socorrer pessoas acidentadas; lidar com acidentes mais simples de trânsito vizinhos etc. Tudo porque outras políticas públicas falharam.

Os pensamentos perpassavam como flash em sua cabeça, mal refletia um e já pulava para outro; recordou os primeiros momentos de criança, quando já nutria o sonho de ser policial. Pensou em seu pai que tinha por costume assistir os programas policiais que relatavam toda a violência social e alardeavam como os dias “ficavam mais violentos para o ‘cidadão de bem’, ao passo que a justiça estava cada dia mais branda para os ‘marginais’”; “conforme o tempo passava”, diziam os jornais, “com a proteção do ECA os ‘de menor’ tomam conta das ruas e não respeitavam mais ninguém”. Conseguia recordar com certa vivacidade a voz de seu pai, tanto que parecia ouvir, naquele momento, ele dizer: “esse tal de direitos humanos produz, a cada dia, mais uma leva de bandidos. Meus filhos, se virarem marginal, eu mesmo mato!”.

Seu pai era duro, ranzinza, rígido e até mesmo violento. Nascimento considerava que a postura era justificada, principalmente ao imaginar que vários adolescentes de seu bairro periférico seguiram outros caminhos. Muitos foram para a marginalidade, morreram em confrontos com a polícia ou mesmo com outros bandidos. Tornou-se “um cidadão de bem graças à criação rígida de seu pai, que o fez ser homem honesto, como tinha de ser”.

Aos domingos, frequentava a igreja com sua mãe; dos sermões ouvia com certo assombro sobre o quinto mandamento e como “somente Deus decide sobre a vida e a morte”, daí que a determinação do “não matarás” e a certeza de que “suicidas não entram no reino do céu”. Seu pai, também aos domingos, gostava de assistir filmes de Al Pacino, revia com muita frequência o filme “O Pagamento Final” e, sempre ao final do filme, fazia um discurso para os filhos sobre como a vida do crime “é isso aí, cadeia ou caixão e vela preta. Quem entra nessa vida não sai mais”.

As memórias de juventude começaram a se misturar com os dias atuais e com o passado recente. Recordou-se dos primeiros momentos no curso de formação: a privação de sono; os alimentos servidos em péssimas condições; a coação moral e outras violências dos treinamentos que, orgulhoso, pensava ter superado com virilidade. Durante todo o treinamento se imaginava em rondas ostensivas na rua, confrontando os marginais, protegendo as famílias, seria o profissional exemplar que sua fé religiosa exigia.

Naqueles dias de treino, chegou a pensar como reagiria quando presenciasse a primeira morte de um ser humano. Contudo, não precisou esperar o fim dos treinamentos para observar o falecimento de uma pessoa; viu um colega seu falecer em curso de treinamento. No fatídico dia foi preciso comer o mais depressa possível, os mais lentos quase nada comeram; durante o treino o sol castigava e eles fizeram diversas atividades

físicas; quando precisaram atravessar uma represa, um dos colegas pediu para parar, estava “passando mal”, dizia. O pedido não foi atendido e o aluno foi obrigado a entrar na represa; ainda teria que nadar duas vezes mais que os colegas para servir de exemplo “ali não era tolerada a frouxidão”. Não sabia dizer quanto tempo ele ficou na água, mas em dado momento afundou e foi retirado por outros alunos. Não havia equipamento para o socorro, a ambulância não estava presente, já sem consciência, o desafortunado não respondeu às manobras de ressuscitação, faleceu no local.

Nos primeiros dias de serviço na rua, em uma cidade do interior, juntamente com outros cinco colegas, precisou entrar em confronto com assaltantes de bancos fortemente armados; um policial internado em estado grave, outros dois morreram na ação. Ambos tinham filhos, eram recém-casados. Soube depois que as famílias ficaram desamparadas pelo Estado.

Muita corrupção e prevaricação presenciou entre colegas, tanto entre praças quanto entre oficiais. Da mesma maneira, usou e viu se usar de força desnecessária. Entretanto, julgava-se um homem justo e honesto, recusou-se a participar de vários casos de corrupção e, por isso, foi ameaçado por “se fazer de honesto”. Os colegas corruptos diziam que, se a casa caísse, não tolerariam traidor.

Recordou-se, com idêntica vivacidade, da primeira pessoa que matou: com outros dois colegas realizou a abordagem de alguns jovens que ouviam Racionais na rua de um bairro periférico qualquer; a ordem era justamente para “nunca bobear com favelados”, tinha que chegar demonstrando força, atirar primeiro, perguntar depois. O motorista da viatura pronunciou: “música de bandido”. Enquanto outro policial emendou – “com toda certeza tem droga e produto de roubo ali”. Na abordagem, quando todos pareciam ter obedecido à ordem de pôr as mãos na parede,

um dos “moleques” correu, no reflexo. Nascimento apontou a pistola e puxou. Um tiro foi o que bastou para ceifar a vida de um adolescente. A ocorrência foi narrada como resistência à prisão e atestado contra a vida dos agentes de segurança. Relataram no boletim de ocorrência que o “meliante ameaçou puxar uma arma e não parou o movimento brusco nem quando advertido”. Por algum tempo sentiu remorso, mas depois lembrou que eles curtiam a música “Tô Ouvindo Alguém me Chamar... Rap... coisa de marginal. Era bandido com certeza” e se autoconsolou.

Quanto a ser ferido, certo dia estava à paisana no ônibus, voltando do trabalho; cansado, demorou perceber que a movimentação no coletivo era causada por um assalto recém-anunciado. Tentou manter a calma, não podia se precipitar e nem permitir que o identificassem como policial, porém, os assaltantes vinham retirando pertences dos passageiros. Não tinha erro, seria identificado como polícia, aproveitou que o assaltante mais próximo colocou o revólver 38 na cintura para sacar a sua .40; Nascimento deu voz de prisão e teve que puxar o gatilho depois que o assaltante levou a mão ao revólver, no entanto, a arma fornecida pelo Estado ao policial falhou. Puxou mais vezes antes de sentir o impacto do projétil do bandido. Levou dois tiros.

O episódio deixou traumas. Em razão disso passou a sair menos, ficou antissocial. Recusava convites de confraternizações mesmo dos parentes. Também começou a aceitar trabalhos de segurança para melhorar a renda familiar, queria manter um bom carro, pagar as contas e, sobretudo, ter o filho em uma boa escola. Passou a ficar mais ausente de casa, as brigas ficaram constantes. Em suas lembranças começou a focar o fracasso que foi o seu casamento, passou a ser mais estressado em casa com esposa e com o filho. Logo depois foi diagnosticado com depressão.

Chegou a ser afastado do serviço em razão do quadro psicológico; quando retornou sofria todo o tipo de chacota dos colegas; “ora, depressão

é coisa de fresco”, sempre diziam. Agora também estava isolado dentro da própria corporação. Enfim, nada importava, os colegas estavam certos, guerreiro de verdade não fraqueja, “depressão não é coisa de homem”, aquilo tudo era besteira. Pensou que, na verdade, era mesmo um injustiçado, nem mesmo o filho podia mais ver em razão de que sua ex-esposa ter uma medida protetiva; ele tinha ela por ingrata. Como podia? Tê-lo abandonado após ele “dar sangue e suor pela família”.

Por mais um momento sorriu um riso amargo pelo paradoxo em que se encontrava: pensava em tirar a própria vida, todavia tinha muito medo de morrer nas ruas em confronto ou ser executado mesmo sem farda; perder a vida simplesmente por estar no lugar errado e na hora errada e por ser o que era: policial. Temia também os transtornos mentais ao passo que reprovava o seu próprio comportamento violento. Não tinha para quem reclamar, não podia falar com os dois profissionais da saúde da corporação, da outra vez isso não deu muito certo, virou chacota entre os seus. Além do mais, refletiu, “homem não chora, soldado chora menos ainda.”. Após, sentiu raiva: “O que queriam dele? Não podia vacilar na vida, qualquer vacilo poderia significar sua morte; também não podia agir com rispidez nas situações de conflitos, poderia sofrer punições, ficar sem a arma e assim correr mais riscos.”.

Voltou a se atentar para a tela trêmula e amarelada do computador, leu em silêncio: “Lei nº 13.675, de 11 de julho de 2018 [...] ‘Da Capacitação e da Valorização do Profissional em Segurança Pública e Defesa Social’ [...] ‘Do Programa Nacional de Qualidade de Vida para Profissionais de Segurança Pública (Pró-Vida)’[...]”.

Suspirou, balançando a Pistola .40 na mão direita, continuou a leitura: “Pró-Vida tem por objetivo elaborar, implementar, apoiar, monitorar e avaliar, entre outros, os projetos de programas de atenção psicossocial e de saúde no trabalho dos profissionais de segurança pública e defesa social,

bem como a integração das unidades de saúde dos órgãos que compõe o Susp [...]”. Franzziu o cenho mais uma vez, nunca tinha ouvido falar sobre Pró-Vida na corporação. Bradou uma voz rouca e trêmula:

– Foda-se, essa merda parece coisa de direitos humanos. Aquele bando de comunista tenta enfraquecer a polícia.

Levantou a .40 na altura dos olhos e puxou o gatilho... Dessa vez a arma não falhou.

7

Famigerados

*Felipe Rodolfo de Carvalho*¹

O indiviso dos quartos obrigava a um despertar coletivo. Às quatro da manhã, os pés chutaram sem querer as cabeças, amanhecendo o bom senso. Os rebentos apresentaram-se um a um para o banho diário do lado de fora, regado a borrifadas. Rita foi a última. Sob a proteção da lua, no aconchego do exterior, o áspero das palmas maternas esfregou sua pele como uma esponja dupla face: arranha-afaga. Seu corpo, que desconhecia toalha, secou só. Sem cogitar, colocou o uniforme encardido de uso e pôs-se à espera do sol.

Solas gastas, passos curtos, tímidos, acelerados, a mãe saiu de pronto e de pressa madrugadinha adentro, pois a mansão era distante e o patrão não admitia atraso. No barraco, que progressivamente se perdia no horizonte, disputavam o estreito algumas latas-panelas, dois colchões carcomidos, feitos queijo, repletos de furinhos colifórmicos, e uma poltrona velha, meio capenga, arrastada a custo num carrinho de mão de lá para cá, onde por sorte ela se sentara. Derredor, as crianças se acotovelavam em conta de seis, idade incerta – penoso o pontuar das horas, frouxo o computar dos anos.

Permaneceu ali até dar o horário de ir ao ponto de ônibus que ficava a coisa de trinta minutos de caminhada. No entretempo, enquanto a clareza natural não eclodia no firmamento e o termo “elétrica” não passava

¹ Doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela FD/USP. Professor da FD/UFMT. Líder do Terceira Margem – Grupo de Pesquisa em Filosofia, Literatura e Direitos Humanos. Um jurista marginal.

de um adjetivo figurado, tentou um último recurso: apertou forte o cérebro, franzindo a testa, pondo à prova a razão que ilumina. Quanto mais pensava, tudo se tornava, entretanto, mais obscuro e indistinto, como se o destino do pensamento fosse afinal esfumaçar a visão. Ela andava muito interrogativa. Chegava da escola fazendo perguntas atrevidas para quem sequer o ronco da barriga havia encontrado resposta.

— Mãe, será que no mundo eu não ocupo o lugar de alguém?

— Que lugar, minha filha?! O mundo é um chão de demarcações. É cada um no seu quadrado.

Já ia caindo no sono, porquanto pensar era um despencar profundo, quando sacudiu no real com os berros de Efigênia ralhando com um irmão sem captar o motivo. Pegou a sacola de supermercado onde confiava o caderno e tomou prumo.

Um pouco lentamente acompanhou as primeiras aulas — a inteligência doía de fome. Constrangia parecer dispersa. Forçou concentração. Embora gostasse das brincadeiras, ficava a maior parte do recreio entre colheres. O lanche era de arroz, feijão e uma mistura qualquer, regrada pela concha mais ou menos farta da merendeira que distribuía os quinhões segundo a simpatia nutrida pelos famigerados. Comeu devagar, concordemente ao hábito, como se se tratasse não da primeira, mas da última refeição vital. Se bem que o prato abandejado não demonstrasse nenhum requinte, ela o tocava tal e qual uma porcelana. Entregou-o limpo a modo e jeito que desconfiaram um arear linguístico. Embrulhou a sobremesa num guardanapo, tascou no bolso sem que ninguém percebesse e disparou para a sala.

Ao destrancar a porta, Seu Manoel lá estava, mesa metodicamente arrumada, o roteiro exposto na lousa, catando algumas bolinhas de papel difusas sobre as cerâmicas, algumas soltas, outras trincadas. Conforme os alunos iam aos poucos se acomodando nas carteiras, ele folheava suas

páginas de anotações. A fala começou de súbito interrompendo o normal do cotidiano. O planeta entre parênteses. Todos mudos. Um só com a palavra.

– Se pudessem definir o cardápio da merenda, o que escolheriam?

– Pirulitos! – exclamou alguém lá nas últimas carteiras, inconformado com a recente proibição da diretora de consumi-los na escola, cansada de receber debochadas caretas azuis.

Com as pancinhas zunindo, ainda estufadas de saciedade, as crianças bradavam sem que se pudesse distinguir quem era quem.

– Sorvete!

– Pudim de calda!

Pano de fundo perfeito. Deu por si quando já se havia dado. Entender era um desprendimento.

– É uma questão de conversão. O que transforma o meu desejo de comer num direito de apaziguar a fome? Há tanta gente faminta na terra. O alimento é certamente necessário. Mas o que é que o torna devido? – perguntou o educador.

Como soía ocorrer, suas formulações partiam de perguntas aparentemente simples que conduziam a outras muito mais complexas. Ritinha parecia engasgada. Engolia como que de soluço aqueles punhados de incertezas lúcidas, conferindo intestinamente a elas um substrato material. Se o mirava, fazia-o por respeito, também porque assim enxergava o semblante da palavra e tudo enfim adquiria sentido. Não é que o mistério de repente fosse posto a descoberto. É que a verdade subitamente perdia o estatuto de tesouro. Tanto mais descia da sua inocente arrogância de menina esperta, mais impulsionada era para cima da sua própria ignorância. Saber era mais do que sabor das coisas ou relação com um objeto ignoto à espera de ser captado. Era sabedoria do amor ou aprendizado de quem se deixa disponível para a captura. Desapegar-se até não mais poder deixar

pegada — até despregar-se completamente. O espírito precisa do vazio para que se eleve.

De frente, o mestre observava sua face e podia ler naqueles olhos chovidos de tempestade interna altíssimas inquietações. Ela remexia na cadeira procurando uma posição inexistente enquanto as ideias ainda ar-revesadas adejavam em algum céu distante. Não fosse a vergonha que naquele momento cobrira sua pele de vermelho e lhe cortara a seco a garganta, teria erguido um dos braços e pedido autorização para a uma confissão. Mas não. Ela se encontrava extática, ciência insana, consciência sã, recebendo sua sentença. Recobrou-se custosamente, ao beliscão de Fabrício: o sino tocara e o professor acabara de apagar o quadro, iniciando o recolhimento dos pertences. Pegou o saco plástico, que guardara com muito cuidado para não rasgar, ajeitou o material escolar e correu para tomar o coletivo.

Esteve aérea no percurso, presa num intervalo indefinido entre a confusão do íntimo e o inatingível do étimo, sustentada pela força insentida de um abraço duro a uma barra de ferro. Desceu sem qualquer reflexão na parada de sempre — o ponto final. O afobamento usual da ida contrastava com o vagar extraordinário da volta. Marchava agora lenta e desordenadamente, perdendo o equilíbrio quase de propósito. Gostava de pensar que andar pensando era uma forma de quebrar o ritmo ininterrupto dos acontecimentos. Caminhava compenetrada nos próprios pés, perplexa com o seu mecanismo de ordem e mutação, quando, já pertinho de casa, inclinou fortuitamente o queixo, o suficiente para uma miragem.

Havia um moço estirado na calçada, seminu, os ossos salientes, rasgando a epiderme ralada de terra e queimada de sol. Exalava um terrível odor de fezes. Um vira-lata caramelo de orelhas simpáticas e avantajadas lhe lambia a ferida exposta na perna impedindo a configuração de um completo cenário de abandono. Ritinha estacou ali, numa distância que

não saberia precisar. Era adulto. Os lábios estavam cortados e expulsavam gotas incontidas de sangue. O corpo praticamente não se movia senão por meio da língua que ela percebia enorme se lançando com força para fora da boca em direção ao chão onde havia pequenos farelos de pão disputados pelos pombos. Sentiu o estômago embrulhar, e a vista embarçou. O embaraço de estar tudo do nada tão transparente a ponto de cegar e não restar alternativa: desabar em lágrimas e descobrir o ridículo.

Num arroubo, apanhou algo na calça, desembrulhou-o e aproximou-se. Com uma pujança desconhecida, trouxe o homem um pouco para trás, encostando-lhe a lógica no muro rebocado. Sua mão direita tremeluzia em meio aos feixes de glória. Fechou-a com os dedos para cima engendrando um utensílio básico. Estendeu-a de tal maneira que a embocadura se abriu: da sua palma cerrada, que parecia portar numa só porção a esperança inteira da humanidade, deslizou um pedaço de maria-mole que escondera para comer à noite, mas que, na altura, praticamente desmanchara. Ele não precisou sequer mastigar. À medida que parte do caldo de açúcar com pedacinhos de coco escorria por entre sua barba preta e branca, um sorriso tolo lhe restituía a graça. O gosto era doce, sentiu Rita em seu próprio paladar, ao tempo em que se perdia naquele olhar docente. Com um rasgo doído engoliu a si mesma em penitência pela gula de querer o que é preciso. Buscou sua mochila imaginária, achada agora descansando junto ao pequeno cão de guarda, pegou seu caderno, retirou-lhe uma folha de papel e limpou o rosto moribundo como quem enxuga a paixão de Cristo. Suas expressões se entrecravaram. Um deslocamento então miraculosamente se operou. O rapaz havia morrido.

A mancha

*Hadassa Midiane Rodrigues Vasconcelos*¹

– A mancha não sai.

Ela continuou a esfregar com a veemência de quem tenta lavar da alma a dor, como se cada carbono que cedia aos seus esforços e desaparecia aos poucos do chão, deixando as marcas em tom mais suave, fosse levar consigo as lembranças daquela tarde.

– Eu acho que não some assim tão fácil, tia. – Disse elevando a voz, contudo ela havia escutado na primeira vez. Parou por um instante, limpou o suor que escorria da fronte com as costas da mão, protegeu, assim, os olhos do sol enquanto alcançava o olhar do menino. Nada disse, apenas voltou a sua tarefa.

Ele seguiu pela calçada, onde, naquela quarta-feira, os olhos que fitavam o céu, enquanto os lábios proferiam uma prece inaudível, foram perdendo o brilho pouco a pouco até, por fim, tornarem-se opacos.

Naquele dia, entre todas as pernas, braços, troncos curiosos e atentos, ele caminhou constricto e sufocado, o coração tamborilava no peito, a cada vez mais perto, a cada vez mais alto. Parou, finalmente, onde o sangue que escorria findava seu percurso. Viu aqueles olhos tristes consumidos pela dor, sentiu um calafrio percorrer o corpo, a garganta se fechou e a visão se tornou turva, as bochechas se aqueceram e levou a mão à face, percebeu,

¹ Graduanda em direito pela UFMT, integrante dos grupos de pesquisa Direito e Inovação Tecnológica, Grupo de Pesquisa sobre o Grande Encarceramento e Terceira Margem – Grupo de Pesquisa em Filosofia, Literatura e Direitos Humanos.

então, que estava chorando. Constrangido, baixou os olhos aos pés, foi quando viu um homem ajoelhado ao seu lado, nas mãos trazia um celular, concentrado, filmava a cena que corria.

Confuso, olhou ao redor e descobriu que o homem não era o único. Era novo demais o garoto, porém, para entender os atos humanos. Mais jovem ainda era para compreender a razão pela qual derramava lágrimas por alguém que não conhecia. No entanto, idade suficiente possuía para saber o que havia ocorrido ali minutos antes de estar o corpo inerte no chão, não era a primeira vez que via uma pessoa baleada.

Ao lado do corpo uma senhora chorava com as mãos unidas à mão do pobre e já sem vida rapaz caído na calçada, em vão suplicava que acordasse. Não dormia, contudo, como pensou o menino ao ver que inutilmente gritava a mulher que, ao se ajoelhar sobre a poça, tinha manchado de sangue o vestido azul puído.

Ninguém mais chorava ou proferia súplicas, aos poucos a cena perdeu o interesse e, uma a uma as pessoas que ali estavam retornaram a seus afazeres ou ócio. O menino se deteve um pouco mais, estava preso, não sabia se por pena, se por curiosidade, todavia, permaneceu. Foi empurrado, afastado, praguejado, mas ficou. Sirenes. Viaturas. Pessoas. Saco preto. Zíper. Pôr do sol. Silêncio. Poça.

Sexta-feira, duas da tarde. A mancha jazia vermelho-castanha e não mais possuía o aspecto aterrorizante. O garoto se agachou ao lado e fitou o lugar no qual antes repousava a cabeça que aos céus olhava taciturna. Uma, duas, cinco pessoas passaram por ele, pisaram na mancha como se nada fosse, e já não era. A calçada da rua vizinha também tem uma mancha agora, apenas mais uma entre tantas outras. Amanhã haverá outra, certamente, ou talvez hoje mesmo.

Manchas surgem, espalham-se, são pisadas, esquecidas e desaparecem todos os dias. É comum, banal e, por mais que dure por um tempo,

não é tão marcante quanto o jogo de quarta-feira. O garoto percebeu então que não sabia o nome do dono daquele sangue, mas se lembrava do placar. Deu-se conta também que já não sentia vontade de chorar. Fechou os olhos e tentou recordar o semblante daquele jovem caído por cima da poça. Se tivesse tirado uma foto, poderia rever neste momento em que a memória falhava.

A coroa de flores repousa no lugar em que antes houve vida, adornando a morte, majestosa e vil, tal qual um déspota impiedoso, a única que ainda lhe segura a mão, antes amparada por uma simples senhora, que tentou honrar a memória de quem amava, esfregando com todas as forças, mesmo não mais as possuindo, aquela mancha no chão para que não fosse pisada.

Por uma gramática da sobrevivência

*José Ricardo Menacho Tramarin de Oliveira Carvalho*¹

Não sei bem ao certo, mas quando testemunhamos algo, quando participamos, direta ou indiretamente, de algum episódio, com o tempo, os detalhes do vivido começam a voar, a fugir do nosso alcance, a desaparecerem. Digamos que somos abatidos, atados e enleados por uma política do esquecimento, um modo próprio de se administrar o que fica e o que sai de nós mesmos. Para ser sincera, não sei como nada disso funciona, mas em meio ao fértil campo das especulações, tenho me aventurado a traçar algumas suspeitas.

Suspeito que o fato de os detalhes começarem a voar ou a fugir de nosso alcance seja um sinal [ou uma pista] de nossa própria incompletude perante a vida e o mundo, ainda que tenhamos, com muita frequência, uma ilusão ou outra de completude: de tudo saber, tudo poder dizer e nada poder escapar de nós. Suspeito, também, num outro contexto, que nossas “mentes”, em se tratando, particularmente, de situações não muito agradáveis, faz um trabalho de “utilidade pública”, ora esvaziando os nossos arquivos pessoais, ora filtrando traumas e demais “fantasmas” para que sigam seu caminho.

Compartilho esses “considerandos” sobre a passagem do tempo, seus desdobramentos e afins, assim, sem muitas cerimônias, para dizer que há

¹ José Ricardo Menacho é cacerense, professor do Curso de Direito da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), escritor e cronista dos jornais de sua cidade natal. Autor dos livros: "O Plural do diverso" (Ed. Novo Século) e "Sarau" (Ed. Carlini e Caniato). Nas horas vagas, gosta de cantarolar pelas redes sociais.

lembranças que não podem ser relegadas ao acaso, largadas num canto empoeirado, como se fossem algo dispensável, inútil. Sendo mais direta: há lembranças que merecem que lutemos por elas! Digo isso, não para invalidar as suspeitas lançadas acima. Ao me posicionar dessa forma, em favor das lembranças, não pretendo driblar a incompletude que nos caracteriza – mesmo porque não faria qualquer sentido propor driblar algo que nos constitui, que faz parte de nós – tampouco pretendo atrapalhar o trabalho de “utilidade pública” desenvolvido por nossas mentes [ora esvaziando os nossos arquivos, ora filtrando traumas...], como fiz menção. O que eu quero, na verdade, com aquela declaração, é assegurar a nossa própria sobrevivência. É sério, não podemos nos descuidar. Acreditem, não são poucos os que, sedentos por poder e prestígio, às custas do sacrifício alheio e da opressão, estão por aí, circulando e acompanhando, com muita atenção, o movimento das lembranças, seus “furos”, sua rotina e seu itinerário. Ficam de butuca, à espreita, aguardando a melhor oportunidade para dar o bote.

E ficam de butuca... porque sabem, como ninguém, que são as lutas pelas lembranças – sobretudo aquelas de acontecimentos que transbordam o espaço individual e abraçam o coletivo – que nos permitem, por um lado, cortar o mal pela raiz, evitando o [re]aparecimento de grupos que professam uma suposta purificação do mundo e das coisas, de acordo com padrões idealizados, criados a partir de seus delírios; impedir o [re]nascimento de ideias que negam ou anulam o diferente e a diferença; desconstruir planos de poder autoritários, seja como for, seja com quem for, antes mesmo que reúnam forças para se viabilizarem. Por outro lado, são as lutas pelas lembranças que nos permitem construir novos amanhaceres em dignidades; gerar oportunidades para que os direitos se democratizem e deixem de ser artigos de vitrine; ladrilhar caminhos em

que todos se reconheçam e cujo rumo, apontado no horizonte, seja a justiça social.

E ó, falo tudo isso, não com base em credices infundadas, ou querendo protagonizar ou colocar à disposição do mercado especializado mais uma teoria da conspiração. Faço o alerta com conhecimento de causa: eu sou uma sobrevivente!

Não usavam armas convencionais, dessas que nós vemos nos filmes. Eram mais perspicazes, mais sutis, não gostavam de chamar a atenção, faziam o que faziam usando palavras, sim, palavras, palavras para fazer o trabalho sujo. Segundo a orientação do QG, a batalha, antes de tudo, deveria ter como alvo estratégico as palavras, dada a sua importância como matéria-prima para objetivos outros, para sonhos maiores. Queriam, a todo custo, dominar as narrativas, ser, portanto, não apenas os donos do pedaço, mas os donos da História. Queriam criar uma História única, exclusiva, que marchasse em linha reta, sem “desvios”, revisada conforme suas ambições.

Dissecando um pouco mais a tática, eles queriam uma História específica, que os coroasse como salvadores, como um grupo predestinado a liderar uma aliança harmoniosa e perpétua em prol do progresso – claro que, em meio à intensa propaganda, as informações a respeito de quem seria o destinatário desse progresso, bem como que tipo de progresso seria esse não eram muito discutidas. Queriam vencer no grito, distorcendo ainda mais a realidade que já andava capenga, meio mal das pernas. Nesse sentido, a desinformação era uma de suas principais formas de ataque. Acho até que o lema era este: *desinformar para dominar, desinformar para dividir, desinformar para enfraquecer.*

O esquema de ação era bem manjado, arquitetado com muita sagacidade, coisa de “profissa”. Como eu disse: eles não usavam armas convencionais, usavam palavras... Preciso explicar melhor como isso ocorria. De acordo com as histórias que queriam contar e a depender do público que queriam atingir, eles sequestravam as palavras que poderiam ser usadas para os seus objetivos, aquelas que mais lhes renderiam trunfos no campo de combate. O sequestro era ligeiro, quando as vítimas percebiam que haviam caído em uma armadilha, era tarde demais. Os adjetivos eram, preferencialmente, os mais caçados [obviamente, porque eram usados para exaltar a personalidade de seus raptos, celebrar e divulgar seus “feitos” e enxovalhar seus opositores]; seguidos dos substantivos [usados, em larga escala, para renomear tudo o que fizesse parte dos espaços apoderados]. Os verbos não eram muito cobiçados, pelo menos, não foram em um primeiro momento, muito em função de seu alto grau de mobilização e de sua contagiante inquietação, o que tornava a sua captura mais custosa e a sua domesticação mais morosa.

Devíamos significar, ou melhor, devíamos falar somente aquilo que fosse permitido, nada mais do que isso. O trabalho forçado, então, consistia em duas frentes: negar e acusar. *Negar* qualquer conquista que proporcionasse alterações mais profundas, e, igualmente, negar qualquer debate que buscasse compreender e problematizar as nossas relações a partir de um olhar para além das estruturas arraigadas. *Acusar*, sem etiquetas ou pudor, atribuindo crimes e inverdades, sem provas ou indícios, àqueles que defendiam ou levantavam quaisquer das bandeiras, que já estavam sob o bombardeio do que era para ser negado. Dentre tantas ordens recebidas, eu me lembro que fui obrigada, no contexto de uma das frentes de trabalho forçado, a *negar*, por incontáveis vezes, a existência da palavra “Resistência”, no intuito de tentar retirá-la do jogo, minando a sua potência, a sua credibilidade e esvaziando a fonte de esperanças que costumava

carregar consigo. Da mesma forma, em uma outra frente, também, por incontáveis vezes, eu me lembro que fui obrigada a *acusar* a “Coragem” de subverter a paz gramatical e corromper os bons costumes, a família e as *palavras de bem*. Eu me apavorava com a “criatividade” de meus algozes, inventavam o impossível para angariar adeptos e seguidores, apostando, de forma certa, em seus medos, incertezas e inseguranças.

Torturadas, viradas e reviradas do avesso, com o tempo, nós sucumbíamos. Das duas uma, ou nós nos rendíamos aos mandos e desmandos ou éramos, sumariamente, executadas [partíamos dessa para melhor ou, talvez, para pior... enfim, morríamos]. A violência [em seus mais diversos níveis: físico, psicológico, simbólico, econômico e cultural] era a ferramenta para todas as horas, o recurso escolhido para a garantia da ordem e da autoridade. Uma colega de cela, por exemplo, não resistiu ao tratamento cruel que recebíamos no cárcere, tive que acompanhar seu flagelo, acorrentada, sem poder, nem sequer, estender a mão para consolá-la ou dar algum tipo de apoio. Em relação a essa colega, tempos depois, após algumas investigações, descobri que o seu corpo, como o de tantos outros, havia sido conjugado em vários pedacinhos e espalhado por entre alguns verbetes de um dicionário já desgastado, carcomido, tirado de circulação há um par de anos, para lá jazer, e por lá ter a lembrança de sua passagem por este mundo apagada do mapa.

Do meu sequestro até a fuga dos grillhões que me fizeram prisioneira, demorou um bocado. E do caos instaurado por aquelas bandas até uma certa normalidade, ainda que frágil, demorou mais alguns longos anos. O método dos oportunistas de plantão de negar [os fatos e a realidade] e acusar [sem provas], espalhando a discórdia e investindo na ignorância, permitiu a eles uma ascensão rápida ao poder e a manutenção deste, em suas mãos, por um bom tempo. Mas, como nenhum crime, ou projeto criminoso, é perfeito – embora possa demorar para ser desvendado e,

infelizmente, até que isso aconteça, o preço do desastre seja alto – a derrocada uma hora chega, como de fato chegou.

A “Resistência”, tão golpeada e agredida, levantou-se. Os envolvidos foram se organizando e fazendo o que podiam pela causa. O subjuntivo, com suas hipóteses, dúvidas e desejos, ia na frente, abrindo o caminho, questionando as “certezas” cristalizadas e as leituras negacionistas do *real*. Na retaguarda, seguiam os verbos, junto com seus parceiros de longa data, os advérbios, provocando ações de retomada dos espaços públicos e alertando seus compatriotas sobre a necessidade do envolvimento de todos na política [uma vez que não há vida fora dela]. Outro apoio fundamental no *front* partiu dos substantivos remanescentes, aqueles que não haviam sido capturados. Com muita habilidade, enquanto os outros companheiros iam por terra, eles iam por cima, ganhando os céus, fazendo rasantes no campo de batalha e [re]batizando os seres animados e inanimados, devolvendo-lhes seus nomes, restabelecendo as identidades friamente usurpadas pelos inimigos.

O levante, aos poucos, foi surtindo efeitos positivos. Os cativados [de palavras] foram sendo desativados, os responsáveis foram condenados e os seus apoiadores mais fiéis, aqueles que acolheram de braços abertos as atrocidades cometidas, de olho nos benefícios e vantagens que poderiam auferir, ou, simplesmente, querendo dar vazão aos seus recalques, caíram em desuso. Há um tempo, não ouvimos, em meio às comunidades gramaticais, ou mesmo em meio ao vasto território dos vocabulários, nada que nos remeta ao obscurantismo daqueles dias. Porém, como sabemos, a calmaria não é eterna. É por essas e por outras que, com reflexão e muita energia, não devemos nos descuidar das lembranças, de cultivá-las, de impedir a sua cooptação e violação por parte de facções tirânicas, de zelar por elas, especialmente, por aquelas que nos ajudam a não reviver tragédias já vividas e a nos afastar de experiências não muito promissoras.

Repito uma vez mais: há lembranças que merecem que lutemos por elas, posto que a nossa sobrevivência, para florescer, não pode permanecer desguarnecida, à deriva, ou tratada, segundo uma relação de custo-benefício, como um produto a ser consumido, ou à mercê de catástrofes [do passado], nada alentadoras, que insistem em voltar. Afinal, quantas vidas nós temos mesmo?

Que *olhartem* a fome?

Julia Natália Araújo Santos ¹

Tenho em mim um atraso, não sei se de nascença. Eu fui aparelhada para gostar de *pessoas*. Calma, Manoel! Gosto de passarinhos também. E como! Mas ah, as pessoas... as pessoas me *encantam*! São elas que acalantam meu coração e mantêm o ciclo natural dos meus batimentos, deixando tudo na perfeita ordem. Não sou branca e nem rica. Levo uma vida sossegada, confortável, não há como dizer que não sou detentora de privilégios. 2020 era para ser o ano dos anos, os anos vindouros, quanta expectativa. Planejamos desde 2019. E então a pandemia veio para mostrar que não temos controle sobre nada. O tempo independe. Realmente opera em outra dimensão.

Mais um dia de ação voluntária no grupo, com máscaras, álcool em gel, luvas, vírus no ar, caos, medo. Rotas definidas, voluntários e duplas dispostas, número de cestas contadas e higienizadas. Entretanto, 20 de abril não foi um dia comum. Após a organização no estacionamento do supermercado, partimos para a entrega no Jonas Pinheiro III. Enquanto eu dirigia, Thaís possuía em mãos os nomes das famílias. A dinâmica era chegar ao bairro e sair de casa em casa encontrando os cadastrados. A comunidade era bem dividida, as ruas, casas, era fácil localizar-se. As famílias, aproximadamente 450, haviam invadido a construção de um

¹ Mestre em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGD/UFMT). Servidora Pública do Estado de Mato Grosso. Membro do Grupo de Pesquisa em Direito Constitucional da UFMT (GConst/UFMT). Integrante do Projeto de Solidariedade Cuiabara.

residencial. Foram expulsas por ordem judicial e depois retornaram, por outros meios, a par do judiciário. Viviam, portanto, em constante ameaça de perderem seus lares. Sem asfalto, as casas sequer foram terminadas e algumas nem possuíam teto. Muitas eram marcadas por um x preto. Imagino ser um código ou sinal de que era habitada.

Gostaria de colocar em palavras o contexto daquele bairro. Infelizmente, não consigo. As palavras, neste caso, não bastam. Entretanto, trarei algumas lembranças. Depois que chegamos, a notícia de que um Ford K vermelho estava distribuindo cestas básicas logo se espalhou. Possuíamos apenas 12 cestas, quantia que cabia dentro carro e seria destinada àquele bairro. Na segunda volta que demos, algo imprevisível aconteceu. Não havia presenciado evento parecido. Começaram a correr atrás do automóvel e, onde virávamos, estava um grupo. No começo, confesso, fiquei com medo. Imagine ter 8 homens esperando você passar na esquina? Não havia entendido. Depois percebi que eles queriam *cestas*. Eles queriam *comida*. Comida para sua família. É pedir muito? Dentro de uma existência toda, só clamar por comida, parece algo tão basilar e até pequeno... As coisas tomaram uma proporção sem tamanho: não possuíamos todas aquelas cestas e não sabíamos como reagir. Será que a gente consegue imaginar algo assim tão perto da nossa classe média? Perto e longe. Distante porque a gente raramente chega a esse lugar. As pessoas não sabem e nunca vão. Não é fácil presenciar. É um fardo. Pesa muito. O que se procura é leveza, sejamos sinceros.

Além dessa, consigo lembrar, como se fosse hoje, da geladeira de uma família. Não sei se é correto dizer *geladeira de família* quando não há nada dentro. Geladeira de família é para ser cheia de alimentos. Não é preciso que sejam caros, nem luxuosos. Falo do básico. Mas aquela não. Não tinha nada de alimento. A senhora fez questão de nos mostrar. Lembro-me de dois ovos e uma panela. Só. Apenas isso. Ela não estava na lista de

beneficiários e quis demonstrar que não era capricho, verdadeiramente precisava. “Eu posso mostrar”, dizia ela. De tudo, o que menos me afligia era o vírus. Havia coisas mais latentes. O dia, todavia, era sobre *Elizabeth*. Entregamos a cesta para sua vizinha. Quando terminamos, já perto do carro, uma mulher saiu correndo, ofegante. Sua casa fazia divisão com a da beneficiada. Lembro que ela realmente correu para chegar a tempo, porque estávamos prestes a entrar no carro e sua casa ficava do outro lado. Era necessário dar uma volta. Eu estava quase entrando no carro, quando olhei para trás e a vi, preparada para dizer que não havia mais cestas, mas que, talvez, pudéssemos tentar arrecadar e trazer em outra oportunidade. Sim, tivemos que aprender a agir nessas ocasiões, pois todos os dias, durante o nosso projeto, chegavam relatos e pedidos. Dividimos até quando parecia impossível. Em seguida, as alternativas eram: “Hoje não temos mais cestas, mas podemos cadastrar sua família e trazer na semana que vem”; “Vocês são parentes? Será que poderiam dividir a cesta? Cada um fica com um arroz, até trazermos mais”; “Quem tem mais crianças em casa?”, dentre tantos. Recordo que teve discussão entre os integrantes. Como podemos escolher entre um e outro, quando ambos não possuem alimentos? Digo, existe critério? Deveria até ser proibido. Porém, é isso que acontece. Tentamos aplicar alguns parâmetros de situações normais e transportá-los para esses casos, mesmo sendo inexequível.

Com Elizabeth foi diferente. Coisa do destino. Enquanto corria, movimentando os braços levantados e gritando “moça, moça”, me olhou de um *jeito* que não sei descrever. As lágrimas escorrem ao recordar. Pergunto: existe etiqueta quando o que se busca é alimentar seus filhos? Aqueles olhos penetraram dentro do meu coração até chegarem à minha alma. Só conseguia pensar que precisávamos ajudá-la, não importava como. Senti como se Deus falasse comigo por meio daqueles olhos. *Presenciei o humano em mim*. Era quase uma obrigação, no mínimo. Como

posso viver enquanto o outro não come e vive exatamente um dia por vez? Nas nossas bolhas, geralmente, impera o categórico do *carpe diem*, acho tão bonito, rs. Sim, frases do tipo “aproveite seu dia”; “um dia por vez”; e “calma, as coisas vão aos poucos”. Para a comunidade do Jonas Pinheiro III, assim como inúmeras em nosso país desigual, não há opção. Não se aproveita o dia, sobrevive-se por dia. Cada dia é uma vitória. Cansativo, mas necessário. A comida é por dia, isso ficou evidente. Hoje tem luz, amanhã pode ser que não. O leite para as crianças, então, nem se fala.

Os olhos de Elizabeth eram tímidos, mas corajosos. Eles me pediam ajuda. Havia também certa euforia: sabe quando você aposta *tudo* em algo? Um jogo decisivo de virada do ano na megasena. Elizabeth não quis ser desrespeitosa, fez o que precisava. O que uma mãe faria por seus filhos. Eu disse a Thaís que iríamos dar um jeito. Ela me encarou por uns instantes, pois, no âmbito prático, não havia como ajudar. Depois, logo assentiu com a cabeça, percebeu algo diferente na minha postura. Eu precisava ajudar. Era algo que transcendia. Uma questão tão sensível assim é quase um mandamento, deontologia pura. Havia ali a prescrição de um dever: *não deixarás de ajudar*. A omissão seria o próprio crime. Quando fomos até sua casa, Elizabeth nos contou sua história. Tinha 4 filhos, recém-separada, estava sem dinheiro, havia emprestado na semana passada cinquenta reais da vizinha para comprar alguns alimentos, que já haviam acabado. A pandemia tirou seu emprego, trabalhava fazendo bico de empregada doméstica. Conhecemos também seus filhos, todos encantadores. Naquela ação específica, um programa de televisão estava fazendo matérias sobre o voluntariado durante a pandemia e acompanhou nossa entrega. Por força do destino, não sei, o fato é que no desenrolar da conversa, Elizabeth contou que era seu aniversário de 54 anos. Foi algo surpreendente. Todos ficamos estupefatos. Só tive mais certeza de que

acertei em voltar e dar uma cesta que não existia, mesmo tendo tirado de outra família.

Preciso fazer um parêntese. Sou uma pessoa sensível, mas, durante algumas sessões de *psicanálise* (isso, não só tenho comida, como posso, ainda, fazer terapia), percebi dificuldade em chorar em público. Talvez não quisesse transparecer fraqueza. Pois bem, retornando à cena, eis que o repórter perguntou sobre como me sentia. Estava preparada para informar sobre os dados do projeto, nome, surgimento, a quantidade de colaboradores, divisão dos bairros e arrecadação dos valores. Só não apta a responder como eu me sentia vendo aquele episódio. Aquele questionamento me *matou* — pelo que fui salva. Durante as ações, assumi determinada postura de distanciamento, precisava encontrar alguma forma de lidar com tudo aquilo e me manter firme. Estávamos diante de situações difíceis e de pessoas carentes. Precisava guardar um espaço *seguro*, mesmo estando totalmente envolvida. Era uma maneira de lidar com aquela experiência. Até que a pergunta me tirou da zona de conforto que tentei criar.

Chorava em casa, no banho, depois de um dia inteiro percorrendo a cidade. Era em meu reduto que refletia, me sentia triste e mal em pensar como poderia ser normal. Apesar de estar fazendo algo, me via impotente. Não pensem que não me sentia feliz em estar realizando aquele trabalho, pelo contrário: é meu maior orgulho. Sentir que cada esforço valia a pena trazia também uma forte carga emotiva. Contudo, às vezes, achava que era tão pouco, pensava nos outros dias, nas famílias que não ajudamos e no momento em que o arroz acabasse. Era ali que eu dava rosto a todas as pessoas que cruzavam o olhar durante o dia. Embora eu me sentisse culpada — não que eu não tivesse culpa —, mas, talvez, pensar assim não me auxiliasse em nada. Ao menos era uma forma de desaguar. Não tinha coragem para escrever.

Voltemos à Elizabeth. Esta estória não é sobre mim, só que não há como deixar de mencionar alguns detalhes. Nossas vidas se entrelaçam. Feito o questionamento, eu já estava ali, segurando o choro, enquanto escutava Elizabeth falar. Quando veio o “como você se sente?”, todos os meus muros, que, ao fundo, eram inexistentes, caíram. Eu estava ali. Inteiramente. De corpo, alma e culpa. Só soube chorar, como jamais havia feito, em 25 anos. Nunca chorei na presença de tantas pessoas. Chorei, talvez, por anos. As palavras quase não saíam. Chorei como quem guarda um rio inteiro. As lágrimas vieram em um curso que não era meu, agitadas. Era quase uma fuga. Enfim, libertas. E Elizabeth chorou mais. Disse estar muito grata, sobretudo a Deus. Thaís chorou. A máscara no rosto, as mãos que limpavam as lágrimas, indo de encontro ao protocolo da covid. Mão no olho? Proibido. A Organização Mundial da Saúde que nos perdoe. Teve muita mão para limpar os olhos. Depois, cantamos parabéns a ela. Os filhos, os vizinhos e o repórter. Algo divino. Elizabeth me levou para o mais *íntimo* do humano. Ali não cabiam teorias, declarações de direitos, distinções entre o direito natural ou positivo, a despeito de sua importância. Ali só exigia o sentir. O reconhecer-se no outro. Naquele olhar me encontrei. É ele que carrego e é nele que encontro qualquer *direito humano*, naquela *humana*.

Ao sair da casa de Elizabeth, precisávamos continuar as entregas. Entramos no carro e Thaís ficou me olhando, eu ainda chorava. As lágrimas caíam sem permissão. Falei que estava chateada, havia pensado em tanta coisa para falar sobre o projeto, imagine o quanto poderíamos divulgar para que mais pessoas ajudassem. Eu havia estragado tudo. Thaís me explicou que me emocionei e tudo bem. Será que me senti *fraca*? Posteriormente, o meu choro foi transmitido à cidade inteira. Em horário nobre. Logo a menina que carregava o choro em seu silêncio. Aquela que não chorava na frente de ninguém e foi chorar para o mundo. E, então, o

que é ser forte? Aprendi que ser forte é chorar, é permitir que as lágrimas venham e nos lave, nos faça humanos ou mais humanos ou menos humanos também, se partimos do tipo de humanidade que presenciamos em alguns momentos à nossa volta. Ser forte é o próprio direito à fragilidade, ao sensível, é viver. É, pois, no outro que mora o meu eu, o nós, o ser. É nesse caminho que nos encontramos. Que abrem as portas. O olhar de Elizabeth abriu espaço para o que eu guardava em mim. Como podem dizer que o outro não importa? Se é nele que me realizo? Eu me torno humana porque existe o *outro*, igualmente humano.

Nunca irei esquecer o olhar que tem a fome. Os olhos das crianças. De seres que mereciam ter o básico. O mínimo para serem formados. Aquela *estética*. Tive *singular* aula de educação em direitos humanos. Na *prática*. Faculdade alguma de direito poderia chegar perto daquele ensinamento. É metafísico. Carregar essas imagens me faz continuar lutando por seus direitos. Dá força para prosseguir. Seguir o caminho do outro. Eu não ajudei ninguém, eu fui *salva*. De mim. Do meu pequeno mundo. Da minha bolha. Por Elizabeth e por todas essas outras pessoas. Eu sou um pouco Elizabeth. Todos nós somos. Sua fome também é nossa. Que possamos saciá-la. O *humano* é a nossa esperança. A gente espera no outro. Com o outro. Pelo outro. Que não seja preciso novas situações assim para que nos *encontremos no outro*, mas, se for necessário, que nos deixemos encontrar sempre, *nunca* desviar o olhar, muito menos quando ele tem o rosto da fome.

Lei das ruas

*Lourival de Oliveira Costa Neto*¹

Começou depois que a mãe morreu. Precisava de um abraço. O mundo fez isso. Abraçou, apertou e nunca mais largou. Lembrando o último toque em sua matriarca, sentiu as mãos geladas do universo e soube, assim, a força que ele pode ter.

Precisava de uma família. Encontrou a tristeza e a solidão e foi rumo ao incerto. Sem planos, vivendo a vida e só.

Nessas horas, é comum duvidar de quase tudo. Deus, Exu, Krishna, Buda ou qualquer que seja sua âncora de fé. É comum achar que ninguém olha por eles, além da má-sorte. Nada faz muito sentido perante a lei das ruas, que é rude, hostil e não sabe brincar. É por isso que nem todo mundo desce pro *play*, se puder escolher. No caso dele, foi jogado.

O tempo passa devagar quando o relento é a nossa casa. Sono profundo é raro, não há espaço para sonhos. O estado é sempre de alerta, principalmente para quem não é visto, e o alarme toca com qualquer movimento.

O aprendizado é na base da pancada, que vem de onde menos se espera. São tipos de conhecimentos que não se aprendem na academia ou em sala de aula. É a lei da sobrevivência. Ela esmaga quem é fraco demais.

¹ Divide o tempo entre a publicidade e o cinema. Redator, graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Mato Grosso. Cofundador do Coletivo Audiovisual e Cultural Zebra.

Desdobra a cama, estende no chão gelado. O cobertor é feito de estrelas, e o último a deitar apaga a lua. Deus acende o interruptor do sol, o despertador.

O cotidiano pede passagem o tempo todo. Joga pro canto tudo que não quer ajudar. Varre para baixo do tapete e, mesmo com a luz do dia e o calor do sol, continua fingindo que não vê.

Com doze, como dizia Edi Rock, já viu mais que muito homem de hoje. Aprendeu a viver sozinho, seguindo a lei das ruas e, quando possível, fazendo as suas próprias. O mundo não parece mais tão assustador, mas ainda bate forte quando se vacila.

A lei das ruas pede passagem: dobra a cama, põe debaixo do braço e viva – ou tente – mais um dia.

O encontro

*Vinícius Freitas França*¹

Hoje, a caminho do ponto de ônibus encontrei uma senhora. Dessas que a gente sempre vê vagueando sem destino pelas ruas à procura de algo para comer; a gente vê e finge que não enxerga, esbarra, vira o rosto e segue andando.

Era uma mulher de meia idade, magra, moribunda e animalizada. Eu, distraído, olhava o celular, até ser anunciado primeiro ao seu odor vindo ao meu encontro, mistura de suor, urina e sujeira. Depois, à sua aparência detestável, a mulher estava vestida de farrapos, tinha os cabelos amarrados no alto da cabeça por uma tira de pano, murmurava sozinha palavras avulsas. Por fim, à sua alma; ao perceber que eu passava ao seu lado caminhando passos lentos, ela me olhou com olhos grandes e famintos.

Estava sentada na calçada próxima ao ponto de ônibus. Ao pedir a esmola, requisitou da minha caridade alguma ajuda, estendendo as mãos pálidas e ossudas na minha direção. Retirei com gestos rápidos uma nota de dez reais da carteira e entreguei com a mão esquerda trêmula, enquanto com a direita coloquei o celular no bolso, tocado profundamente pela existência daquela pobre mulher, cuja vida de alguma maneira se esbarrava na minha naquele fim de tarde.

Eu já a havia visto outras vezes - talvez não, pensei depois - mas aquele momento era como se apenas nós dois estivéssemos no passeio,

¹ Graduado em Direito pela Universidade de Cuiabá, servidor público, natural de Chapada dos Guimarães, é poeta.

como se o nosso encontro fosse o de dois seres humanos que se reconhecem de fato pela primeira vez. Sua presença me aterrorizava e me atraía. Como poderíamos ser da mesma espécie humana eu e ela? Seus olhos interrogavam afrontosamente a minha estranha figura, enquanto olhávamo-nos como alienígenas. Ela reconhecia em mim a mesma humanidade com a qual eu me defrontava em espanto defronte a um tipo de espelho misterioso.

A mulher recebeu o dinheiro, tomou-o rapidamente da minha mão, mirando o escuro de minha íris, como se antecipasse a uma possível recuada da minha parte e agradeceu com palavras que não sei repetir. Por certo teria falado em outra língua palavras de agradecimento e furor. Seria uma estrangeira? Pensei.

Dirigiu-se imediatamente à lanchonete que distava em poucos passos do local que estava sentada, e de maneira que concluí ousada, sentou-se à mesa do lado de fora, cruzou as pernas e, à primeira reação hostil do atendente, mostrou-lhe a nota de dez reais de maneira orgulhosa, apontando em seguida o dedo para o cardápio de plástico que segurava com ambas as mãos. Ela sabia ler, evidentemente.

Aquela cena me deixou paralisado, meu coração estocava contra o peito batidas dolorosas e rápidas. Não podendo fugir dos meus olhos e do meu coração, ignorei a chegada do ônibus ocupado instantaneamente por muitos passageiros apressados disputando os primeiros assentos. Assim que lhe foi servido o lanche do outro lado da mesa, a mulher passou a mastigar gulosamente um cachorro-quente; o molho, de um vermelho vivo, manchava o canto da boca; ela se sorveu em seguida de uma lata de coca-cola envolvendo-a com os dedos, exceto o mindinho em posição inflexível.

Quando terminou de devorar o lanche em menos de minuto, a mulher pegou dois papéis guardanapos e limpou a boca de modo delicado e

digno, mostrando, assim, capaz de certa fineza ocultada por sua condição deplorável e pela máscara de sujeira cobrindo a face.

Senti tanta pena daquela mulher maltrapilha que desfrutava da sua pobre refeição com tanta felicidade, talvez a única do dia. Sua fome me desconcertava e entontecia, de alguma maneira eu a sentia no estômago ardendo em mim. Eu estava sendo deportado a algum lugar para o qual jamais voltaria, longe das minhas ordinárias órbitas. A cada mastigada, nas quais ela envolvia com sua fétida saliva o molho ralo e vermelho e o pão velho do cachorro-quente, eu era tomado por um enjôo. Não dela, mas de mim, do que se convencionou chamar de sociedade, da humanidade, das políticas públicas que os homens de terno e gravata apregoam em tom panfletário na televisão.

Depois de se alimentar, a mulher manteve sentada em posição ereta com as mãos segurando os joelhos, seu olhar soergueu na altura do queixo, por onde passava a enxergar com maior nitidez o mundo de injustiças que a cercava, os outros clientes olhando de soslaio, as crianças espantadas com sua presença, o atendente impaciente perguntando em tom de deboche se desejava mais alguma coisa. A mulher meneava a cabeça irritada, mantendo a cerviz dura. Por certo, ainda estava com fome.

Era a cliente daquele estabelecimento e havia pago aquele miserável lanche, o que lhe dava o direito de ser suportada por algum momento naquele lugar. Não estava ali na condição humilhante de um pedinte. Lembrei-me do conselho que mamãe me dava durante as refeições: "coma devagar, pois a mente leva algum tempo para entender que o estômago está cheio".

Por um instante ensaiei conversar com ela, perguntar seu nome, sua idade, oferecer alguma ajuda, saber algo de sua vida tão misteriosa e simples, se tinha família ou filhos, como viera parar naquela situação, etc. Poderíamos comer juntos outro cachorro-quente, beber refrigerante. Mas

como todas as outras vezes - agora com intensa dor e revolta - fingi estar indiferente à sua existência, algo me repelia daquele encontro. O que pensariam de mim as pessoas que passavam pela rua? Se houvesse ali alguém conhecido? Certamente, é uma usuária de drogas, pensei querendo justificar minha repulsa com alguma cautela. Quando ela virou para o meu lado, notando a minha atenção, desviei os olhos envergonhado.

Outro ônibus passou, agora mais vazio. Do letreiro luminoso, li o meu destino. Entrei com passos vagos e indecisos, sem saber o que estava fazendo; era como se meus pés me guiassem, os livros na mochila pesavam excessivamente sobre as minhas costas, passei a roleta e sentei numa poltrona ao lado da janela. Ela continuava a me olhar de maneira interessada. Aqueles olhos me constrangiam demasiadamente, algo dentro de mim entrava em ebulição. Logo, as lágrimas me vieram ao rosto. Ela permanecia estática, com os olhos bem abertos e as sobrancelhas baixas. Apiedou-se de mim, levantou-se da cadeira que estava sentada e fez menção de vir na direção da janela.

O ônibus, então, se moveu. Continuávamos a fitar um ao outro. A mulher verteu uma única lágrima do olho direito, tentando, em vão, alcançar o ônibus. Por que estava chorando? Seria de fome? Meu corpo tremia. Teria ela avistado em mim algo que me foge? Na medida em que avançava, nossos olhares se distanciavam, até que não nos víamos de maneira precisa, seu rosto, contra a luz do poente, fulgurava, os trapos com que cobriam seu corpo franzino eram balançados por um vento inesperado. Eu soluçava de maneira descontrolada e aberta, os passageiros me olhavam assustados e sem entender as razões do meu pranto. Eu também não entendia completamente.

Virei o rosto para frente colocando as mãos sobre os olhos e a boca, os cotovelos apoiados sobre a mochila, senti seu cheiro nas minhas mãos.

O mundo estava coberto de um dourado triste e dramático, as nuvens do poente emaranhavam mil tons alaranjados de tristeza e algumas manchas avermelhadas, que pareciam tingidas pelo molho do cachorro-quente. O ônibus deslizava veloz pelas apertadas avenidas da minha cidade, enquanto o dia agonizava, tentando remir as muitas injustiças que os homens cometem sob suas luzes.

Perdição

*Victor Cavalcante Maltarolo*¹

Já estava anestesiada enquanto via da minúscula janela do transporte penal as manifestações dos pampas. A última coisa que veria por fim seria o clarão dos rios de sol antes de se recolher eternamente em escuridão. Foi o que vi serem os últimos momentos de Catarina antes do disparo, execução de praxe a párias como ela... Ao menos para quem não a conhecia, poderia ser a junção de vários preconceitos e estigmas, uma revolucionária convicta a acabar com o regime. Mas na realidade fora uma mulher comum e alegre que por acaso foi sentenciada pelo acaso.

Não é a primeira desse tipo que veio parar onde estamos agora. Após anos de revoluções e contrarrevoluções é difícil se lembrar como tudo aconteceu e quem tem o poder para ordenar o que está acontecendo. Desde o início as estepes têm segurado o fardo de nossa existência. Talvez agora tenha chegado a hora de pagar pelo que fizemos... ou talvez este seja o pandemônio que mudara tudo.

Estamos e sempre fomos ligados à terra. Há quem acredite que ela é viva e por isso alguém a despertou para nos ensinar uma lição, nos mostrar que o que sempre nos faltou estivera sempre suspenso na metafísica natural da consciência humana, mas que sempre foi renegada a descrição positiva. Até então essa lição se traduz apenas em confusão.

¹ Graduando em Direito pelo Centro Universitário São Lucas e membro do grupo de pesquisa IBIS com foco em pesquisas referentes a aspectos sociais e antropológicos da experiência jurídica. Estudante do método de Luiz Alberto Warat e amante de histórias diatópicas.

Para transcrição dos confusos eventos que se sucederam até aqui, escrevo estas estórias, de um infeliz conscrito, ordenado a matar pelo Estado ou me juntar aos sentenciados, e que no momento se encontra no último campo penal da contrarrevolução. Em breve estarei indo ao encontro à minha própria morte por peste, meu próprio chumbo ou dos revolucionários, o que for mais conveniente, enfim por onde começar.

Era natural da mesma periferia que Catarina, éramos amigos, ou um pouco mais, consumávamos viver nos estreitíssimos becos de um miniecossistema enjaulado pelos prédios de concretos da cidade acima. Um lugar de pobreza onde os sonhos de todos era ao menos de sair da cidade e presenciar as planícies que tanto ouvíamos falar e sentir a brisa fresca pela primeira vez. Pelo menos isso não nos foi negado antes de morrermos embora não do jeito que estávamos esperando.

Estava em meus 20 e tantos anos, quando a empáfia por fim se tornava insuportável para o povo, este sentimento estava presente em mim, mas decidi não me envolver por covardia. A situação era sim desesperadora. Acordar sem ter o que comer enquanto alguém em um arranha-céu olha para baixo e ri do povo era uma coisa a se refletir, mas temia ainda mais a morte por violência que por inanição.

Quem sabe não teria sido melhor ter me juntado àqueles que lutavam por diretos básicos e morrido dignamente nas ruas quando os canhões rugiram àqueles pioneiros revolucionários.

Foi um desastre, uma de cada vez, cada tentativa de mudança terminava com mais mortes. Amigos, familiares, amantes, cada vez o mundo parecia mais vazio, e eu ainda me escondia em neutralidade.

Sei que não tenho como me redimir. Tive várias chances de escolher meu caminho voluntariamente. Mas acreditava na segurança da neutralidade. O que não falam sobre a neutralidade nesse caso é que não se trata

de uma escolha propriamente dita e sim da anuência do abuso. Apenas posterguei a decisão até que ela fosse feita para mim sem ao menos saber.

Após anos de luta finalmente aquele Estado antigo estava no chão. Revolucionários discutiam sobre como pôr em prática a positivação de direitos básicos para todos, ou era o que diziam. Neste meio tempo seguia com vida, talvez o mais próximo de felicidade que as circunstâncias me possibilitavam ter. Tinha Catarina e minha vida estaria prestes a melhorar com a implementação dos direitos pelos quais tantos morreram lutando.

Pouco tempo durou até que a contrarrevolução tomou forma na cidade e obrigou a todos a se juntar sub pena de morte a todos os que lhes eram queridos. É incrível como se pode fazer uma lavagem cerebral em tão pouco tempo com a distorção da verdade. Por um tempo acreditei estar fazendo o certo lutando com meus captores.

Me fizeram achar que tudo o que havia vivido até então era apenas a manifestação de um maquiavélico esquema de manipulação, que a única maneira era expurgar a todos aqueles vermes e reviver a glória do passado mais uma vez. Mais uma vez... não sei como me deixei levar por tanto tempo com essas mentiras. Ponto a ponto retomamos o controle, mas sempre havia mais e mais vermes a serem extraídos, e eu era o executor. Neste tempo me esqueci de como era viver, não me lembrava dos rostos de minha família, nem de amigos, nem de Catarina. Achava que ela estaria me esperando quando terminasse de limpar nossa gloriosa terra, para que depois fôssemos libertos para viver fora da cidade.

Não percebia que a corda estava em meu pescoço, e agora que posso senti-la é tarde demais. Hoje, dia 17 de junho de um ano que nem me recordo mais, me encontro no último campo da contrarrevolução partidária, lugar que me destruiu e me moldou, que mais recentemente me fez matar a última pessoa viva que amei e que por fim será minha perdição.

Sei que nunca terei o perdão daqueles a quem matei, daqueles a quem as vidas eu destruí e me arrependo de não ter lutado contra este mundo que ajudei a construir. Mas sei que pelo menos isso está prestes a acabar e mais uma vez os revolucionários logo estarão aqui e acabarão com histórias como a minha. Gostaria de volver ao tempo em que tive escolha. Talvez as coisas pudessem ter sido diferentes.

As cartilhas revolucionárias atestam que todos temos direitos iguais, especificamente de igualdade, liberdade e fraternidade. Não me parece um conceito ruim para se lutar, se ao menos não fosse preciso nos matarmos como há tanto tempo temos feito. Teria escolhido lutar por eles, não que importe mais agora.

Escuto as linhas se formando, então acho que minha hora chegou, de deixar o passado e enfrentar a consequência de minhas ações e ignorâncias. Espero que o mundo pelo qual sempre lutaram para construir se concretize... Deus sabe que eu gostaria de ter feito parte dele.

Colocou fim à carta e a queimou, foi um desabafo, mas que não tirou o peso que tanto o incomodava. Foi ao encontro da trincheira onde seu futuro seria decidido... ou quase. Não conseguiu a morte a qual tanto almejava. Entretanto tampouco pôde ver o fim de uma era e a construção de outra. Sentia-se culpado e agora na prisão apenas esperava que o mundo pudesse ser um lugar melhor, embora acreditasse que em breve tudo se repetiria e outros assim como ele estariam na linha de frente para a perdição.

III

Poemas

1

Nas entranhas da fome

*Vinícius Freitas França*¹

Nesses dias em que o horizonte dissolve as nuvens,
não há margem para a dor.
Os famintos se perguntariam se alguém os ouvissem,
se os vissem
detendo a marcha dos cadáveres,
o que farão de nós?
nós que temos fome?
nós que ansiamos por saciar o ventre?

Vê-se o abismo da indiferença
e o que depois antecipará o recheio das tripas,
valados, classificações, latas de lixo, justificativas,
a verborragia das palavras estéreis.

Das mulheres, cujas arestas da vida espetam o desejo e a fome,
vibram ondas circulares e mornas,
irradiando a necessidade de saciar a carne,
o arroz, o feijão e o sexo.

Quem delas presumisse olhos maus e semicerrados
os veriam movediços e inocentes,

¹ Graduado em Direito pela Universidade de Cuiabá, servidor público, natural de Chapada dos Guimarães, é poeta.

censurando o apetite voraz
daqueles que jamais se saciam
na urgência pelo alimento que os escapa
mesmo ao passar pelo corpo.

Palavras de consoantes grafadas por ódio e saliva
são lançadas ao vento.

O amor nos inculca o silêncio,
um falar com os olhos,
os ouvidos afinados para as dores do mundo,
a doce luta travada nos corações,
a hesitação entre o silêncio e a palavra
transbordando olhos úmidos,
a vontade de ser terno,
de dar comida aos que tem fome.

Nas entranhas da fome
e apesar da aridez destes tempos,
o homem é fecundado,
uma semente gerada de dor e beleza
que se fixa sobre a determinação do animal que dá suporte aos átomos.

O dia vai mal,
os cadáveres seguem em marcha,
as palavras se congestionam diante da neblina das incertezas,
abriremos uma picada com uma foice amolada
entre garranchos suspensos, iras, palavras e lama.

2

Francisca

Joanna Fernanda Ramos ¹

Francisca
do Braz,
esse era seu sobrenome,
era uma negrinha bem pretinha,
professora,
quando seus alunos erravam dava meia dúzia de palmatórias
naquela época o nome era bolo,
mas não era má
se preocupava com futuro dos seus e dos outros
tinha uma filha, Maria Ducarmo, nome famoso na época,
também era professorinha.
Dava aula em sua própria casa
quando tinha leite em pó, alimento difícil naquele tempo,
pedia para as mães enviarem latas por seus filhos para distribuir,
mas no caminho, por fome ou travessura,
os alunos sempre roubavam um pouquinho antes de chegar em casa.
Naquele tempo já tinha Projeto Rondon,
passava pelo rádio, mas nunca chegou a ver,

¹ Apaixonada por leituras, fotografia e música, aventura-se na escrita desde pequena. Graduada em Engenharia Florestal (UnB), gosta mais de pessoas que de madeira. Natural de Brasília, com origens nordestinas, atualmente trabalha com intuito de manter a floresta em pé apoiando Povos e Comunidades Tradicionais em Mato Grosso. Não se intitula escritora, cuiqueira ou fotógrafa, mas acredita na abertura de todo possível.

tinha curiosidade de saber se aquele tal de Marechal fazia mais do que apenas falar.

Não era pouca a ajuda necessária,
e ela, com o pouco que sabia,
pensava sempre como melhorar
para poder ajudar aqueles
que mal entendiam o que se passava.

Por isso usava palmatória,
foi como aprendeu
parece colher de pau, pensava,
vai servir para alimentar esse povo
do mínimo necessário,
que lhes é negado
Educação.

3

Desoeuvrement

*André Simões Chacon Bruno*¹

Infinitos corações e sentimentos dizimados
Uma terra desterrada,
Alienada de si mesma,
Banida para a pura exterioridade
A um êxtase soturno, impróprio
A absoluta nudez de todo um povo
Revelada pela absolutização da violência
Da voluntária sujeição à normalização
Do privilégio mais absurdo e corriqueiro
Da soberania —
O fazer morrer ou
Deixar viver

Um horizonte sem esperança
Pois esta,
Esta fora estuprada,
Violentada,
E esquecida
Encontra-se atualmente não se sabe onde
Num país onde é costume fazer sumir,

¹ Doutorando em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela FD/USP.

Fazer desaparecer e enterrar

Sem aviso,

Sem endereço,

Sem identidade,

Sem dignidade,

Sem verdade,

Nem memória

Consumida em sua própria fúria,

A vida nua se expõe em toda claridade

Tragada pela violência mítica, inescapável e banal

Que resulta,

Assim como já se sabia desde Auschwitz,

Da letal mistura entre ignorância

E apatia

Assim, as vidas nuas se consomem

Suas chamas se extinguem

Permitindo que se esclareça como,

De fato, elas são sagradas

Porém, como reza o étimo:

Matáveis e, contudo,

Insacrificáveis

Elas se extinguem,

Em números cada vez maiores

Todos os dias,

No mais ressequido silêncio,

Sem a ninguém incomodar,

Uma vez que ninguém sequer nota
Pois estão todos muito ocupados,
Vivendo suas vidas paralelas,
Em seus paraísos artificiais,
Neste admirável mundo novo

Onde nada é real,
Onde nada, e tudo, importa
E que, em sua onírica insensatez,
Representa o absoluto

O inefável
Onde a vida é,
Hoje,
Vivida,
Consumida,
E monetizada

O insondável absoluto,
O niilismo consumado,
A mais pura incomunicabilidade
A que nos condena,
Como dizia Debord,
A sociedade espetacular

Mas,
Como ainda canta o poeta,
Apesar de você,
Amanhã há de ser outro dia

E nada,
Absolutamente
Nada
Irá mudar,

Caso as seculares engrenagens
Que continuam girando
E nos condenando,

Para além dos pequenos,
Muito
Pequenos

E muito
Insignificantes

Tiranos do turno

Forem, de uma vez por todas

Desativadas.

4

Fuzil

*Ademir Junior Santana Vieira*¹

Acordou cedo. No jornal da manhã,
Chuva. Pegou o casaco, e o guarda-chuva,
E antes que virasse a rua, claro, o sol, o barulho,
E o grito. Era fogo, não de artifício. Então,
Por receio da chuva, dormiu mais cedo.
O guarda-chuva não guardou aquelas gotas,
Nas costas, no peito.

Não deu meio-dia, telejornal:
Mais um no morro, bandido,
É cultural. Chora esposa, Jesus e pai,
Como o bebê ainda não dá conta,
Primeiro foi cadê, depois papai.
Sozinho, cresce o menino,
E antes do bê-á-bá, sabe,
Se há barulho, é pra agachar.
E dá-lhe antidepressivos.

O morro é tropical,
Calor o dia inteiro. Nele, não,

¹ Natural de Cuiabá - Mato Grosso. Como diria Sartre, foi atirado ao mundo no dia 30 de dezembro de 2000. Amante da filosofia, que flerta com a poesia, desde a adolescência, conheceu a literatura aos 13, ou 14, com Anne Frank. Em 2020, mergulhou ao Direito e, desde então, ocupa a cabeça com os dilemas da Justiça.

Chove sempre, é vendaval.
Choveu até no verão, natal,
Do ausente Papai Noel com sua bola.
Desenrola, outro dia é cedo.
Na madrugada, bus lotado e escola.
Sobra vela nem pra Dario,
É longa a demora. Manhã de segunda,
Atrasado. Segunda aula ou amigos,
Vai de marola. Esquece tudo, até
O que não tem, bola, pai e amigos.
Chora, Aparecida Nossa Senhora,
Por não lhe garantir abrigo.

Sino toca, cíclico. Intervalo e história.
Queda da bastilha, e por que não agora.
Consulte a biblioteca, falta bibliografia.
A mãe que mal paga a luz, dessa vez,
Diz ficar em dívida. Novamente,
Vira a página e joga dívida fora.

À noite, carne mal passada,
Negra, e sangrando. Serve, de mesa em mesa,
Para colarinho branco. Ir e vir, liberdade
E alguns merréis. Só não volte tarde,
Passarinhos não cantam depois das dez.

A hora engole as cores,
É tempo de vestibular.
Certo de oito a oito,

E quatro pra particular. Dos merréis,
Cinquenta casa, trinta comida, ainda facul.
Põe-se o sol, e o cobertor. De resto
Não dá de sonhar.

Da memória, suas algazarras.
Punho torcido e sus-to. É tempo.
Na espera. Hospitais são tão limpos,
Não se vê Preto em qualquer lugar.
Pingos na recepção, entrada, segurança.
Em medicina, essa dança não tem par.

Vida que segue, estática.
Muda-se o calendário, a praça, e
Mais nada. Seu monstro é vivo, sólido.
Cospe-lhe a cara, e tapa. Fixo no tempo,
Na realidade e seus estereótipos.
No discurso do ativista, na sexta,
Que grita comunista e
Vai na biqueira, levanta o cartaz,
Sem medos, e sob a cegueira,
Direitos humanos para humanos direitos.

Do lado de cá, sem tempo.
Levantar bandeira cansa e
Não dá pão. Não lota o bar do
Sr. João, e não banca mensalidade.
Fica pr'outro dia essa bebida
Amarga, essa tal dignidade.

Manhã de amanhã, é trampo.
Escura, tal qual o café coado.
Barato. Sol nem nasceu, já parte.
Sem arte que não tem chuva.
No beijo da lua, é casa.
Se não fosse a tempestade.
Chove forte, duro e dói.
E sem guarda-chuva, vai ao chão.
É Floyd, Freitas, João.
Mais um da comunidade.

Fruto do pó ao pó retornou.
Como seu pai, e mineirinho,
Sob o mesmo remédio, dormiu.
Uma pílula, ou duas, ou treze, de
FUZIL.

5

O caminho para a humanidade

*Arthur Antunes Fernandes de Almeida*¹

Os direitos humanos, em sua primeira geração,
Estão atrelados aos movimentos de manifestação burguesa
Sendo o principal deles a Revolução Francesa
Lutando pelo direito à liberdade de locomoção e expressão.

Já no final da Segunda Guerra Mundial, surge a segunda geração,
Que, por sua vez, em forma de direitos sociais, defende o princípio da
igualdade.

Tais direitos estão presentes no sexto artigo de nossa célebre Constituição
Entre eles estão a saúde, educação, alimentação, moradia e proteção à ma-
ternidade.

A terceira geração dos direitos humanos é movida pelo ideal de fraterni-
dade,

O qual defendia que não dá para se ter harmonia em uma sociedade
Se não são protegidos os interesses da coletividade.

No entanto, esses direitos, nos dias atuais,
Como a preservação do meio ambiente e proteção à criança e ao adoles-
cente,

¹ Estudante do segundo ano do curso de Direito na Universidade Federal de Mato Grosso. Concluiu o Ensino Médio no Colégio Maxi Cuiabá.

Parecem inalcançáveis devido à ganância da nossa gente,
Que insiste em nos mantermos desiguais.

Inobstante isso, ainda há possibilidade de mudança
Se tanto os Estados quanto as organizações
Trabalharem em conjunto para combater as violações,
Permitindo que ainda possamos ter um pouco de esperança.

6

Hoje é Outro dia

*Débora de Arruda Oliveira*¹

Ela tosse que só
Não saiam de casa, mandaram.
Mas o pobre tem que trabalhar

Como é que as crianças vou alimentar
Eu a ouvi falar
Não é sua intenção

Suas lamúrias pra gente nunca são...
Ouço porque sou o enxerido
Mamãe tá fraquinha eu sei

Aqui nada é como para um rei
Ela tira da boca pra gente comer
E minha barriguinha dói

Disseram que é lá que a comida se mói
Eu vi uma vez na casa da vizinha
Numa tal de televisão

¹ Graduanda em Direito pela UFMT, natural de Cuiabá, escritora quando a rotina permite e eterna viciada em leitura.

Parecia ilusão,
Uma tal figura animada onde o rei era tão rico
Comida tinha de sobra
Nem tinha que ser “pau pra toda obra”

Hoje é Outro dia,
Cordei com uns barulho estranho
Mamãe disse que daqui não diviamo sair

A gente obedeceu e fingiu que não ouviu nada cair
Mais tarde mamãe descobriu a gente e disse que tava tudo bem
Vem cá, meus nenéns...

Hoje é outro dia, hein
A sopa ta bem ralinha
Mamãe tava tussino muito mais ontem

Não contem,
Ela tentou ir num tal dotô,
Mas não deu certo, “vô tenta outro dia”

Hoje é outro dia
O sol ta lá em cima dimais
Fomos cutucar mamãe mas ela só gemeu,
tá durmino dimais e nossa barriga dói

Hoje é outro dia e ainda dói
Mamãe ta durmino mais sussegada parece

Parou de se mexer

Eu não quero mim trometer...

Entro com ela dibaixo do cobertô

E tento esquecê um poco essa barriga que ta gritano

Afinal fulano,

amanhã deve di sê o Otro dia...

7

Prelúdio fundamental

*Deivisson dos Santos Costa*¹

Depois de duas grandes aberrações,
Os direitos naturais foram declarados universais.
Ao humano, pertencente a qualquer povo ou nação,
Foram garantidos direitos individuais.

Está reconhecida a dignidade.
Expresso foi o direito à igualdade.
Fundamentos de paz e justiça,
Não tolera autoridades omissas.

Contudo, também é vil a natureza do homem;
Ainda por desconhecimento ou desprezo,
Com atos de barbárie consomem,
Os direitos do mais indefeso.

Nascemos livres, iguais, em dignidade e em direito.
E todos podem invocar as normas para assegurar respeito.
Contudo, há ainda ausência de espírito de fraternidade,
A destruir direitos e liberdades em ato de pura perversidade.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade de Cuiabá (aprovado no XXIX exame de ordem), pós-graduando em Direito Público Aplicado pela EBRADI e assistente auxiliar de gabinete do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso.

A Declaração é ratificada pelo Brasil.
Todavia, violam os direitos das crianças
E ainda há quem finge que não viu
O verdadeiro roubo da esperança.

Violaram algum direito meu,
E também o seu.
Talvez o de justo salário
Ou o digno trabalho.

Com toda certeza, na terra brasileira, de povos mil,
Muitos ainda estão a conviver com o rajar do fuzil.
Sem projeto efetivo de segurança
Na sua vizinhança,
Sucumbe o militar e
Morre também o civil.

8

Na Constituinte

*Guilherme Alcântara*¹

Nota do autor: Dizem que Ezra Pound construiu alguns de seus cantos pinçando aqui e ali frases dos discursos de Thomas Jefferson. Esse manuscrito, encontrado na gaveta de José Bonifácio de Andrada pouco após sua deportação, pode ter servido, mais de cem anos depois, de inspiração ao poeta norte americano. Ou talvez seja coincidência.

Na Constituinte,

Ilustrado congresso de tão eminentes varões,

Maió, D. José Caetano da Silva Coutinho;

Junho, José Bonifácio de Andrada e Silva;

Julho, Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá;

Agosto, D. José Caetano da Silva Coutinho (2^a vez);

Setembro, Barão de Santo-Amaro;

Outubro, Martim Francisco Ribeiro de Andrada;

Novembro, João Severino Maciel da Costa.

Logo que Sua Majestade se assentou no trono, e os Srs. deputados nos seus lugares, recitou o seguinte discurso:

Nada disto valeu;

pô-la em sítio, mandá-la embarcar, e sair barra afora,

¹ Graduado em Direito (UniTULEDOPRUDENTE/SP). Mestre em Fundamentos e Efetividade do Direito (UniFG/BA). Professor de Hermenêutica e Argumentação Jurídica (UniFG/BA). Cooordenador do SerTão: Núcleo Baiano de Estudos em Direito & Literatura. Advogado (OAB/BA nº 66.941). Poeta frustrado.

e podermos gozar daquela liberdade que devíamos, – e queríamos ter,
ela se converteria para nós em escravidão,
os brasileiros não querem ser escravos,
a assembleia quer escravizar-nos
pois bem sabiam os deputados que [...],

Nada disto valeu;
classificações odiosas, distinções injuriosas à massa do povo,
“Sr. Presidente! Eu só quero perguntar,
o Imperador é assalariado?”
parece que o monarca ambicioso contrata com o povo;
“Sr. Presidente, requeiro a V. Ex., por amor da ordem,
a mudança repentina da escravidão para a liberdade”.

Nada disto valeu.

Eu tenho sido testemunha;
Que importa que um miserável suposto escravo tenha notório direito a ser
declarado livre?

Sr. Presidente, trata-se de um objeto muito sério,
o pacífico negociante [...]
o exercício sagrado do direito de propriedade,
não deve ser objeto de hostilidades,
mostremos-lhe que sabemos exercitar atos de compaixão e de humanidade.

9

O grito calado

*Jamille Clara Alves Adamczyk*¹

Vem de casa

Vem da escola

Vem da rua

Vem da igreja

Vem da história a fala de que os corpos delas não são seus.

Onde eu errei

O que eu fiz

Foi a estratégia cansada para não ser tocada

Era a burca, a saia ou o batom vermelho

A vergonha é (só) minha.

Vem de casa

Vem da escola

Vem da rua

Vem da igreja

Vem da história o silêncio das Marianas, Joanas, Fernandas e o nosso.

Vem de casa

Vem da escola

¹ Graduada e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora de graduação e pós-graduação.

Vem da rua

Vem da igreja

Vem da história a violência sobreposta, o grito calado e o corpo despedaçado.

Liberdade dentro da violência

*Joyce Vasconcelos Santos*¹

Como posso ter liberdade dentro da violência?
Habitando um corpo que não é meu por direito
Mendigando o respeito dos meus
Das minhas
Mães, avós, bisavós
Configuradas dentro da fôrma da repressão
Abafando a minha liberdade
Que eu sempre quis gritar
Como posso ter liberdade dentro da violência?
Dividindo o mesmo teto com meu estuprador
Morrendo de dentro para fora
Num silêncio que me obriga a abafar a dor
Sendo julgada
Condenada
Como posso ter liberdade dentro da violência?
Cada célula do meu corpo
Grita mais forte que a minha garganta
Clamando pela cura de um desejo reprimido
Por vezes tão longe de mim
Porque não tenho direito ao meu corpo.

¹ Advogada. Mestra em Direitos Humanos. Parecerista de Revista Científica Internacional. Escritora. Publicou seu primeiro livro de poesias, "Autorretrato: Como o Machismo", em agosto de 2019. Obteve a 1ª colocação no Concurso de Poemas Temáticos da OAB- ES, com a poesia "Ciclos de Memórias".

Como posso ter liberdade dentro da violência?

Nascendo com este sexo

Amaldiçoado

Pelo estupro das minhas ancestrais

Que seguem reprimindo meu direito a mim mesma

Reproduzindo o que sofreram

Porque não ousam questionar:

Como posso ter liberdade dentro da violência?

Confesso

De vez em quando o vento da liberdade

Sopra em meus ouvidos

A novidade da qual hoje me aproprio

E não abro mão

Meu corpo me pertence.

Tendo liberdade dentro de mim

Contrario todas as lógicas

Dentro da violência

Mesmo na liberdade viciada

Sem sentido

Imposta ao meu corpo

Mesmo habitando este corpo oco

Defeituoso

Que transporta dentro dele

A caixinha também oca

Nem sempre vazia

Que dá vida a outros corpos

Uns livres

Outros que sempre se indagarão:

Como posso ter liberdade dentro da violência?

Sem jurisdição

*Julia Natália Araújo Santos*¹

direito é coisa de dotô
dos liberais meritocráticos
ou tem para esquerda também?
compra no centro ou é hereditário?

declarações e convenções
prescrevem garantias
todos são iguais, sentenciam
depois de virarem normas
palavras perdem a vida

na favela e na pandemia
os negros e pobres
viram estatísticas
é só a morte quem ganha
o diferente parte
dia a dia

onde ficam os direitos humanos
aqui é só cumprimento de pena

¹ Mestre em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGD/UFMT). Servidora Pública do Estado de Mato Grosso. Membro do Grupo de Pesquisa em Direito Constitucional da UFMT (GConst/UFMT). Integrante do Projeto de Solidariedade Cuiabara.

presunção de culpa
sem defesa

no Brasil nem precisa de jogo
mesmo com a constituição
o placar é sempre 7x1
a justiça ainda é a mesma criminosa
longe de ser provisória
a jurisdição é outra

Somos muito pequenos

*Mariana Arruda Guimarães*¹

Somos muito pequenos.
Ainda que eu tentasse,
Me esforçasse,
Me desdobrasse,
Seria incapaz de compreender a dimensão de um mundo que não se
mede pelas minhas vontades,
Querereres,
Metades.

Somos muito pequenos.
A pequenez que me assusta,
Envolve,
Machuca,
Em nada se resume à vastidão do que não se conhece,
Não se descobriu
Ou não se estuda.

Somos muito pequenos.
Ainda que me medisse com uma baleia jubarte,

¹ Servidora Pública do Estado de Mato Grosso. Mestranda em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGD/UFMT). Pós-graduada em Direito Animal pela Universidade de Lisboa, Portugal. Membro do grupo de pesquisa "Jus-Clima" - UFMT, coordenado pelo Professor Dr. Patryck de Araújo Ayala. Atuou como investigadora jurídica no Gabinete da Provedoria dos Animais de Lisboa, Portugal (2019).

Apostasse corrida com um predador selvagem
Nada disso atestaria a insignificância que me envolta,
Apropria,
E sufoca.

Apoio-me aqui nas limitações de uma espécie que destrói tudo que toca
Ou vende,
Ou joga fora.
Tamanho é o pesar de quem acredita e sabe que poderíamos ser mais,
Muito mais,
Se entendêssemos o que dizem os incapazes de falar,
Pedir,
Gritar.

Pois se para a natureza não existem reis,
Para a humanidade só existem vassalos,
Mercadorias,
Escravos.
Mas há quem diga que evoluímos. Afinal, não é esse o sustentável?

Somos muito pequenos.

Ladainha

*Marina Taborelli e Silva*¹

Corpo migrante!
Quem és tu?
Imprimem, os teus pés,
Pegadas nesse solo? Não!

Soy de las masas entrantes,
Un hermano en el dolor de otros.
Si no marco esse suelo
Es porque fui desarraigado en las fronteras.

Corpo minguante!
Quem és tu?
Enxerga-te, vês o teu rosto,
Nesse país, no tecido social? Não!

Por casualidade, la Palabra de Cristo
¿No es barro para verme?
Estamos de las calles a los refugios
Igual que tú, necesitamos pan!

¹ Marina Taborelli e Silva nasceu em 17 de julho de 1999, no município de Cuiabá. Bacharelada em Direito na Universidade Federal de Mato Grosso. Manifesta grande gosto por literatura desde criança.

Humanizado

*Neris Rodrigues do Nascimento Alexandrino Delfino*¹

No ápice da minha condição,
Quis fazer-me sobre-humano.
Enterrando minhas falhas no abismo da minh'alma;
Quase um "des-humano".
Quis ser Deus para ser mais homem e me perdi na personagem;
Sonhando com o distante,
Com a tal da igualdade.
Sem saber, apartei-me do convívio;
Fugia dos olhos que condenam;
Me vi trancado em fortaleza;
Em vez de protegido, martirizei-me em exílio autoimposto.
No fim, entendi a minha sede nem "sub" muito menos "super",
Meu anseio era tão somente ser humano:
Livre, digno e com existência "não negada".

¹ Nasceu em Vilhena - Rondônia no ano de 1999. Leitor desde a tenra idade, apaixonou-se verdadeiramente pela literatura ao conhecer a obra de Tolkien, ainda hoje preferindo narrativas mais elaboradas e com forte apreço pela estética. Conheceu a poesia pelos escritos de Patativa do Assaré e pelo poema "A Valsa" de Casimiro de Abreu.

Todos humanos

*Victor Cavalcante Maltarolo*¹

Somos todos humanos sujeitos à dignidade
Mas nem todos estão em igualdade
Muito menos em liberdade
Cerceados de fraternidade
O que os faz pensar que deveriam conter minha singularidade
Suprimir e oprimir minha expressão em meio à multidão
Para que não os ofenda em sua imaginação
De civilização
fardados a correr em seu próprio eixo
atrás do que dizem ser o sucesso
enquanto nos rebaixam a vida de retrocesso
ecoou pessimismo
mas encontro em meu empirismo
o extrato da realidade
exprimem em sua liberdade
que não deveríamos ter igualdade
e nos privam de fraternidade
os direitos humanos são para humanos direitos
a hipocrisia é de assustar

¹ Graduando em Direito pelo Centro Universitário São Lucas e membro do grupo de pesquisa IBIS com foco em pesquisas referentes a aspectos sociais e antropológicos da experiência jurídica. Estudante do método de Luiz Alberto Warat e amante de histórias diatópicas.

se não somos direitos?

Cabe a quem julgar?

A lei pode ser bela em sua assinatura

Mas ainda falta se concretizar

Do que vale o sistema mais justo

Se a própria sociedade o nega

É engraçado de se imaginar

Um mundo onde isto deva funcionar

Nossos direitos definitivamente concretizar

E sim para todos os humanos disponibilizar

A liberdade de viver

A igualdade ao se expressar

E a segurança da fraternidade entre iguais.

Até quando?

*Yasmin Batista Vidotti*¹

Até quando, meu Deus?

Até quando, meu Deus?

A mente desassossegada pergunta angustiada
até quando a indiferença prevalecerá sobre a gentil presença.
O ar que eu respiro é o mesmo que o meu semelhante respira,
então até quando, meu Deus, será desprezado o menino do sinal
que teve o sonho roubado?

O lixo encontrado já virou banquete para aquele que não tem água nem
sabonete.

Até quando o pódio será do ódio e a intolerância religiosa contagiosa?
Até quando os discursos inescrupulosos serão trocados pelos esperançosos?
Eu insisto em perguntar! Até quando as mulheres serão violentadas, os
negros humilhados e os pobres desprezados?

O ar que eu respiro é o mesmo que o meu semelhante respira, mas
a terra infelizmente ainda chora repartida. Não se engane! Quem tem pa-
tente é onipotente e quem não tem? é sujeito inexistente.

¹ Graduada em Direito pelo Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). Atualmente, exerce o cargo de Auxiliar Ministerial no Ministério Público do Estado de Mato Grosso.

A história vexatória parece que nada ensinou e
a vitória esperada ainda não chegou.
A chibatada escancarada hoje é velada
A aversão ao estrangeiro é a melhor versão do passageiro
A indiferença pelo outro ainda é marca arraigada.

Quem se importa com aquele que teve a terra retirada e na tristeza morada
além dos bichos queimados e a natureza depredada?
O índio da terra com força sobrevive
A minoria das minorias na democracia resiste!

Talvez seja bom ter um lápis na mão, mas, para o pobre irmão,
a luta ainda é com arma na mão.

O desumano é não ser humano, já passou da hora de aprender, ser humano!

O coração apertado e a mente em preocupação, mas deu uma vontade...
De acreditar que tudo isso não passou de uma ilusão!

A mente desassossegada ainda pergunta indignada: De que adianta só rezar por mudanças se elas dependem das atitudes humanas?

DE-mo-CRA-cia¹

Eduardo C. B. Bittar²

Tristes episódios.

Farpas se espalham no ar.

Ameaças conspiram em seu lugar.

Vidas se fazem ceifar.

Tristes ódios.

Tradições se perdem.

Extremos se tocam.

Linhas se cruzam.

¹ Poema escrito por ocasião dos atos de protesto e invasão do Congresso nos EUA.

² Professor Associado do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Foi Presidente da Associação Nacional de Direitos Humanos (ANDHEP, 2009-2010). Foi Membro Titular do Conselho da Cátedra UNESCO de “Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância”, do IEA - USP (2007-2010). Foi Membro do Comitê de Área do Direito - CAPES (2010). Foi 2º. Vice-Presidente da Associação Brasileira de Filosofia do Direito (ABRAFI - IVR/ Brasil, 2009-2016). Integrou encontros e congressos no exterior (Líbano; Portugal; Alemanha; Itália; República Tcheca; Argentina; Chile; Uruguay; África; Estados Unidos; Canadá; França; Austrália; Espanha; Bélgica; Suíça). Foi Visiting Professor da Università di Bologna (Itália, 2017). Foi *Visiting Professor* na *Université Paris-Nanterre* (França, 2018). Foi *Visiting Professor* no *Collège de France* (França, 2019). É Membro Titular do Grupo de Pesquisas Direitos Humanos, Democracia, Política e Memória do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo - IEA/ USP. É pesquisador N-2 do CNPq.

Violências se anelam.

O tempo expira.

Ordem, de um lado.

Um **DE** pula, para um lado.

Des-ordem, de outro.

Um **MO** pula, para outro lado.

Todos querem tê-la, sem sabê-la.

Um **CRA**, para cima.

Todos sabem-na, sem respeitá-la.

Um **CIA**, para baixo.

Sinal dos tempos.

Insultando-a, se perde.

Consultando-a, se aprende.

Adoecendo-a, se adocece.

Integrando-a, se fortalece.

Golpeando-a, se desnorteia.

Cremando-a, se crema.

E, se consome.

E, se enfraquece.

E, se morre.

DEsfiladeiro dos tempos.

Ataques desnecessários.

MOvimentos atônitos.

Transes impetuosos.

CRAvando sulcos indevidos nas pedras marchetadas da história.

Redes em descontrolé.

CIAnofilia no ar.

DE-*mo*-CRA-*cia*, em plenas palavras.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org